

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

O CRESCIMENTO ECONÔMICO DA CHINA A PARTIR DE DENG XIAOPING

ROBERTA CRISTINA DE OLIVEIRA CORRÊA
MATRÍCULA: 116621-8

ORIENTADOR: LUIZ ROBERTO DE AZEVEDO CUNHA

NOVEMBRO/2006

"Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor".

"As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor"

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO	6
2. MONTANDO O TIGRE	9
2.1 A CHINA DEPOIS DE MAO TSE TUNG	9
2.2 AS REFORMAS POLÍTICAS	11
2.3 POLÍTICA EXTERNA DA CHINA	14
3. CRESCIMENTO ECONÓMICO	16
3.1 SETORES ECONÔMICOS	17
3.2 COMÉRCIO INTERNACIONAL	20
3.3 INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO E AS RESERVAS CAMBIAIS	26
4. POBREZA RURAL	30
5. CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NA CHINA	34
6. CHINA E OMC	39
6.1 A TRAJETÓRIA	39
6.2 O IMPACTO NAS INSTITUIÇÕES ECONÔMICAS	39
6.3 CHINA: INIMIGA OU AMIGA?	43
7. NEGÓCIOS NA CHINA	45
7.1 A CHINA E A AMÉRICA LATINA	45
7.2 O BRASIL E A CHINA	47
7.2.1 AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS	50
7.2.2 AS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS	52
8. CONCLUSÃO	58
9. BIBLIOGRAFIA	61

FIGURAS E TABELAS:

Tabela 2.2.1: Taxas de crescimento do PIB chinês	12
Tabela 2.2.2: Balança comercial chinesa, 1979-2005 (em US\$ bilhões)	13
Gráfico 3.2.1 Evolução das exportações	21
Gráfico 3.2.2 Formação Bruta de Capital Fixo/PIB (%)	21
Gráfico 3.2.3 Comércio Exterior da China. 1995-2003 (US\$ Bilhões)	22
Tabela 3.2.1 Trocas comerciais da China	23
Tabela 3.2.2 Principais parceiros comerciais - 2002	23
Tabela 3.2.3 Comércio Internacional de Mercadorias	24
Tabela 3.3.4 Principais Itens da pauta de exportações da China 1995-2002	25
Tabela 3.3.5 Principais Itens da pauta de importações da China 1995-2002	26
Gráfico 3.3.1 Fluxo de Investimento direto estrangeiro por país de origem para a China (2004)	27
Gráfico 3.3.2 Composição do fluxo de investimento direto estrangeiro por Setor do Mundo para China (2004)	28
Tabela 4.1 População da China	32
Tabela 4.2 Bens de consumo duráveis possuídos por 100 trabalhadores da área rural e urbana	33
Gráfico 5.1 As relações de fundos educacionais do PIB e financiamento não-governamental nos fundos educação	35
Gráfico 5.2 Gastos em educação	36
Tabela 7.2.1 Peso do comércio Brasil-China	48
Tabela 7.2.2 Expansão do comércio Brasil-China	48
Gráfico 7.2.1: Evolução do comércio Brasil-China	48
Gráfico 7.2.1.1 Exportações do Brasil para a China de 1996 a 2005	51
Gráfico 7.2.1.2 Exportações do Brasil para a Mundo de 1996 a 2005	51
Tabela 7.2.1.1 Peso de cada tipo de produtos exportados para China e para o Mundo	52
Tabela 7.2.2.1 Principais produtos importados pelo Brasil da China em 2005	53

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao Professor Luiz Roberto Cunha pela dedicação, paciência e empenho durante a orientação desta monografia.

Agradeço aos meus pais e a minha irmã, a quem devo todas as minhas conquistas. A eles dedico essa monografia. Sem estes não seria possível a conclusão de mais essa etapa da minha vida.

1. INTRODUÇÃO

Uma China com o claro objetivo de se tornar o protagonista mundial chegou ao século XXI, estabelecendo uma interdependência econômica com o Ocidente, mas sem deixar de se auto-intitular uma economia socialista de mercado.

A República Popular da China é o mais populoso e um dos maiores países do mundo. Foi fundada em 1949, e nas últimas décadas vem realizando reformas econômicas com o a finalidade de ocupar novamente a posição que teve durante muitos séculos na história do mundo.

Para o governo chinês tudo o que vem ocorrendo na China, sua modernização, está baseada em duas vertentes: Sistema de partido único com o monopólio do poder político do Partido Comunista Chinês e o Crescimento econômico e estabilidade social.

Nos últimos 30 anos a China sofreu grandes transformações, passando de uma economia fechada centralizada para uma economia aberta e de mercado, de uma população fundamentalmente rural para uma população urbana e industrial. As principais metas tem sido priorizar o crescimento econômico e tecnológico e o multilateralismo, em oposição ao que consideram o unilateralismo dos EUA, tendo com este uma postura opositora contida.

Um país com um PIB de US\$ 2,23 trilhões de dólares em 2005¹, tornando-se a quarta economia do mundo e quando ajustado por paridade do poder de compra, se torna a segunda maior economia do mundo². Com uma população de 1,3 bilhões de habitantes, ou seja, mais de 20% da população mundial e uma população ativa de mais de 750 milhões de pessoa. Exportações no valor de US\$ 762 bilhões de dólares, importações no valor de US\$ 660 bilhões de dólares, gerando um resultado positivo de US\$ 102 bilhões de dólares na sua balança comercial, um investimento direto estrangeiro de 58 bilhões de dólares, ultrapassando pela primeira vez os EUA Onde se consome 31% do carvão mundial, 36% do aço e 54% do cimento do mundo. Ocupa o segundo lugar no ranking mundial de produção de veículos, produziu, só em 2005, 400 bilhões de dólares em produtos de alta tecnologia. Com tudo isso, a China se tornou o

¹ China's economy grew by 9.9% in 2005. People's Daily Online, 26 de Janeiro de 2006

² Puga, Fernando Pimentel. O Comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão N°. 104

terceiro país com maior peso no comércio internacional, atrás apenas dos Estados Unidos e Alemanha.³

Com a sua abertura econômica a China possui grandes atrativos para as multinacionais: as empresas 100% chinesas ainda não possuem capacidade para competir fora do país em outro apoio que não a mão-de-obra de baixo custo; as empresas chinesas ainda têm uma gestão característica, que valoriza mais o tato político do que as modernas técnicas de gestão e também porque sempre recorreu a barreiras tarifárias para proteger a indústria nacional e exigia do investidor a formação de joint ventures para entrar no país. Vem deixando para trás grandes potências ou criando um novo conceito de potência devido a suas inúmeras peculiaridades.

O país singular que possui uma economia que vem crescendo a mais tempo no mundo, desde 1978, com um crescimento anual do PIB de 9,6%, em média.⁴ Um século XX de péssimos acontecimentos, e uma retomada de surpreender até mesmo os mais otimistas. Nas últimas três décadas ocorreram mudanças radicais na política, uma crise financeira em 1997 e reformas econômicas cada vez mais intensas para satisfazer os requisitos da Organização Mundial do Comércio. O progresso está ocorrendo e os chineses crêem na sua continuidade, confiam no seu país e assim vislumbram um futuro cada vez melhor.

Além da acumulação de capital, foi de grande importância o número de trabalhadores chineses para sustentar esse crescimento econômico. Esses trabalhadores eficientes eram a força que guiavam todo esse crescimento. Para garantir tudo isso a mão-de-obra barata é contínua, vem dos pobres chineses que vivem no campo e vão para o centro em busca de uma melhoria de vida. É a produção feita pelos homens no lugar das máquinas. Com essa abundância de trabalhadores, sem diminuir a qualidade e apenas diminuindo os custos, faz com que fique difícil competir com os chineses. Além da facilidade de obtenção de crédito para a realização de novos empreendimentos.

É uma forte combinação de mão-de-obra disciplinada e barata, com incentivos fiscais para atrair investimentos; e uma infra-estrutura capaz de realizar operações eficientes de produção e exportação. O desafio das multinacionais seria transferir para a China seu know-how de gestão e reduzir custos por contratar mão-de-obra barata, a ponto de gerar vantagem competitiva, e é o que vem ocorrendo nos últimos anos, apesar

³ China's economy grew by 9.9% in 2005. People's Daily Online, 26 de Janeiro de 2006

⁴ MORRISON, Wayne M. China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress.

dos riscos existentes como o atraso na implantação dos requisitos da OMC e a peculiar negociação chinesa onde é indispensável um "guanxi", que é uma ligação com algum filiado ou burocrata do governo local para conseguir facilidades com o onipresente Estado. Empresas de todo o mundo sentem o impacto da China, mesmo que não operem nem mantenham negócios no país.

Tudo isso vem gerando problemas, sua desigualdade social, onde quase metade dos chineses vive abaixo da linha da pobreza, com uma renda per capita muito baixa, sua migração e seus baixos salários além de sua densidade demográfica e a fragilidade do sistema financeiro são pontos a serem acertados pelos chineses. Mas eles não desistem, afinal, sua principal característica é a paciência.

A identidade nacional chinesa é complexa. Seu PIB cresceu nos últimos anos num ritmo maior do que do resto do mundo. Até onde isso vai ou até onde o mundo irá agüentar são perguntas com respostas obscuras ainda. Sua estabilidade é mantida com altas taxas de crescimento e grandes investimentos externos

A China é uma máquina complexa, um paradoxo. Composta de características capitalistas e comunistas, ou seja, grande intromissão do Estado, partido único, sem direitos civis ou reivindicatórios e salários baixos com capital abundante, atração de capital estrangeiro e investimento em capital humano. Dispondo ainda do maior mercado interno do mundo e o maior mercado externo também, os EUA.

A associação de tudo isso a grande influência do passado, dos costumes e tradições do povo chinês é difícil. Suas peculiaridades resultantes do regime comunista fazem com que entender a economia da China seja uma tarefa complexa.

O pragmatismo está inserido em seu programa desde que Deng Xiaoping está no poder, em 1976, e aboliu o dogmatismo maoísta marcado por tantas tragédias e fracassos. Desse período vem uma frase de Deng que terminou sendo o lema atual do processo de modernização do país: - “Não importa se um gato é preto ou branco. O importante é que ele cace ratos.”.

2. MONTANDO O TIGRE

A euforia com tudo que vem ocorrendo com a China, desde as mudanças das regras de mercado, não podem deixar de ser analisadas pelo início de tudo isso, todo o processo de transição, ocorrido desde 1978 com mão de ferro pelo Partido Comunista.

Cada passo nesse caminho tem que ser negociado com as comunidades políticas de interesses, formados por titulares do antigo regime e por interesses da nova era política.

2.1 A CHINA DEPOIS DE MAO TSE TUNG

Durante a Guerra Fria, a República Popular da China (RPCH) se encontrava em uma situação de isolamento internacional que não o permitiu segurar com autonomia suficiente e seu baixo nível de desenvolvimento, o que gerou uma grande dependência da União Soviética durante os primeiros anos da Revolução de 1949. Com a morte de Mao Tse Tung e o esmagamento do Movimento dos Quatro acabou em 1976 o período o mais agitado da vida da República Popular da China: os dez anos da Revolução Cultural.

O período da Revolução Cultural é visto como os dez anos perdidos no desenvolvimento de China moderna. A destruição descontrolada por parte de ignorantes adolescentes, o reino do terror de encontro aos membros dos setores intelectuais e oficiais; aprisionamento, violência, tortura e muitos crimes contra inúmeras vítimas. Deste cenário, a China vai saindo muito lentamente. Em agosto de 1977, Deng XiaoPing foi restituído aos cargos dentro e fora do partido, os quais havia sido proibido na época da Revolução Cultural. Na Terceira Plenária do 11º Congresso do Partido Comunista foi anunciado formalmente o fim da Revolução Cultural, o início de uma mudança de foco do partido, da luta de classes para o desenvolvimento econômico, em uma tarefa de converter a China em um moderno e poderoso Estado Socialista.

Em 1979, começa a aplicação das políticas de modernização, abrindo a China ao mundo externo em uma tentativa de fortalecimento da economia interna, sendo um ano crucial para a República Popular da China. Na política externa começam as relações diplomáticas com os Estados Unidos, com uma visita de Deng XiaoPing, sendo a primeira visita com caráter oficial de um dirigente comunista chinês aos Estados Unidos desde a Revolução de 1949. Devido a invasão soviética ao Afeganistão, ao qual

considerou junto aos Estados Unidos, uma ameaça a paz mundial, a China continuou afastando suas relações com a URSS.

Nos anos 80 a China começou uma abertura econômica, abrindo suas fronteiras comerciais, rumo à modernização, ao desenvolvimento de indústrias, infra-estrutura, e tecnologia. Em 1980 o governo estabeleceu quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEE) em Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen, sendo estas direcionadas quase que exclusivamente para exportação. O governo encorajou a promoção de *joint-ventures* e cooperativas sino-estrangeiras. A partir de 1986 passou a encorajar a presença de empresas 100% estrangeiras. Restrições sobre investimento direto e indireto foram removidas e tarifas sobre bens de capital e produtos primários importados foram relaxadas. O sucesso das ZEEs levou a criação de uma quinta ZEE na província de Hainan em 1988. “Em 1984 a China abriu 14 cidades costeiras e em 1985 listou as cidades ao longo dos Rios Yangtze e Pearl como áreas econômicas abertas, formando um “cinturão costeiro”... Desde 1992, o governo chinês abriu diversas cidades, 15 zonas alfandegárias, 47 zonas de desenvolvimento econômico e tecnológico e 53 zonas de desenvolvimento tecnológico em cidades de grande e médio porte. Cada uma das áreas adota políticas preferenciais e tem uma série de “janelas para o desenvolvimento” do setor exportador, gerando ganhos em divisas e importando tecnologias avançadas.”⁵ Como uma medida do sucesso das ZEEs, em março de 2006 as reservas internacionais da China haviam acumulado US\$875,1 bilhões, superando o Japão como o país com as maiores reservas.⁶

Essa mudança de visão em relação ao mundo ocidental e seus mercados, liderado por Deng Xiaoping levou a China a se consolidar como um novo pólo econômico no sistema internacional sem mudar seu sistema político. Essa política aplicada chamada “o país dos sistemas”⁷, foi uma combinação que gerou incertezas e dúvidas a princípio, pois se poderia pensar que um país comunista ao se abrir para o mercado mundial fracassaria. Mas foi exatamente o contrário que ocorreu. A China se

⁵ PUGA, Fernando Pimentel, et al. O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão N°104.

⁶ MOREIRA, Assis. Asiáticos iniciam diversificação. Valor Econômico, 8 de maio de 2006.

⁷ Conceito inventado por Deng Xiaoping, quando, em 1979, falou a respeito do futuro da China: "A manutenção da prosperidade e da estabilidade de Hong Kong, requer que esta seja mantida em um sistema capitalista..." "um país dos sistemas" quer dizer que existirá apenas uma China com um governo central socialista com um sistema de defesa nacional único e centralizado, mas coexistirão regiões que terão sua própria autonomia política, com uma economia capitalista e com especiais normas de investimento, migração e governo, as chamadas Zonas administrativas especiais ou região administrativa especial de Hong Kong.

transformou em um país exportador de produtos de alta qualidade com preços baixos, se alastrando pelas economias de todo o mundo.

Deng Xiaoping introduziu as reformas com quatro finalidades: modernizar a agricultura, a indústria, a ciência e tecnologia e a defesa nacional. O objetivo era deixar que as forças do livre mercado atuassem, aproveitando o capital, a tecnologia e os mercados externos para o desenvolvimento chinês. Antes da reforma a maioria das *commodities* no mercado chinês tinham seus preços fixados pelo estado, depois, com a reforma e a abertura econômica, o estado tem realizado reformas nos mecanismos de preços, com os mecanismos de oferta e demanda se transformando cada vez mais nos determinantes de preço. Até 1999, o controle de preços de 95% dos bens de consumo e 80% dos bens de capital havia sido relaxado.⁸

As reformas foram graduais; primeiro na agricultura e logo após na indústria. Na agricultura se passa de um sistema de *commodities* para um sistema de responsabilidade familiar feito por contrato. Permite-se que a iniciativa privada trabalhe. Em 1985 se decreta extinta o *commodities*. Em 1987, se dá em concessão as terras aos camponeses, deixando que eles cultivem suas terras e que, uma vez cumprida a cota para o Estado, podem cultivar o que quiserem em suas terras e venderem livremente. Se permitindo no campo as empresas de todo tipo. No setor industrial as reformas ocorreram primeiro nas cidades costeiras, com a abertura de zonas econômicas especiais, em 1980, sendo permitido o investimento externo para a produção de bens para exportação, que foi a política de promoção de exportação.

2.2 AS REFORMAS POLÍTICAS

A China é uma potência mundial, um dos maiores mercados do mundo, e mantém anualmente níveis de crescimento econômico muito acima da média mundial, o que a torna uma das principais potências exportadoras do mundo. Conta ainda com a sua localização geográfica que permite um domínio territorial da Ásia e um acesso direto ao Oceano Pacífico e assim com o ocidente, formando grandes fluxos comerciais com os países ocidentais.

⁸ <http://www.asia-planet.net/china/introduction.htm>

Tabela 2.2.1: Taxas de crescimento do PIB chinês

Período	Média anual de crescimento (%)
1960-1978 (pré-reforma)	5,3
1979-2005 (pós-reforma)	9,6
1990	3,8
1991	9,3
1992	14,2
1993	14,0
1994	13,1
1995	10,9
1996	10,0
1997	9,3
1998	7,8
1999	7,6
2000	8,4
2001	8,3
2002	9,1
2003	10,0
2004	10,1
2005	9,9

Fonte: CRS Issue Brief for Congress

O setor exportador chinês tem muitas vantagens: a mão-de-obra barata, ambiente favorável de leis e infra-estrutura que permitem o aumento de investimento externo. Seu modelo tecnológico e seu modo de produção explicam o desenvolvimento chinês. A isso está unido o apetite por tecnologia externa e o espírito empresarial chinês.

Poucas nações, ou nenhuma, mudaram tão rápido como a China desde os anos 70. A nação mais povoada do mundo liberalizou radicalmente sua economia e deixou para trás as exportações simples e de baixa qualidade para abordar artigos de alta tecnologia, fomentando um ativo setor privado e atraindo milhões de dólares de investimento direto externo. O país se tornou uma máquina exportadora: suas exportações cresceram aproximadamente oito vezes entre 1990 e 2003. Em 2003, a sua participação na exportação global chegou a 6%, em comparação com os 3,9% alcançados em 2000.

Em 2000, a China registrou um volume global de importações e exportações de quase 500 milhões de dólares, com um aumento de 27% do ano anterior. As exportações foram de 249.200 milhões de dólares, com um aumento de 27,8% e as importações totalizaram 225.100 milhões de dólares, com um aumento de 35,8%. Comparando, o superávit foi de 24.100 milhões de dólares.

Tabela 2.2.2: Balança comercial chinesa, 1979-2005 (em US\$ bilhões)

Ano	Exportações	Importações	Saldo Comercial
1979	13,7	15,7	-2,0
1980	18,1	19,5	-1,4
1981	21,5	21,6	-0,1
1982	21,9	18,9	2,9
1983	22,1	21,3	0,8
1984	24,8	26,0	-1,1
1985	27,3	42,5	-15,3
1986	31,4	43,2	-11,9
1987	39,4	43,2	-3,8
1988	47,6	55,3	-7,7
1989	52,9	59,1	-6,2
1990	62,9	53,9	9,0
1991	71,9	63,9	8,1
1992	85,5	81,8	3,6
1993	91,6	103,6	-11,9
1994	120,8	115,6	5,2
1995	148,8	132,1	16,7
1996	151,1	138,8	12,3
1997	182,7	142,2	40,5
1998	183,8	140,2	43,6
1999	194,9	165,8	29,1
2000	249,2	225,1	24,1
2001	266,2	243,6	22,6
2002	325,6	295,2	30,4
2003	438,4	412,8	25,6
2004	593,4	561,4	32,0
2005	762,0	660,1	101,9

Fonte: China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress

Esse crescimento sustentado se deve a aplicação de reformas econômicas institucionais, a sua abertura econômica que construiu bases para um desenvolvimento de longo prazo. A contribuição da economia internacional foi intensificada com os intercâmbios comerciais, canalizando grandes fluxos de capital para a China. A aplicação dessa estratégia posicionou a China como um dos principais destinos de investimentos externo direto do mundo. Essa reforma se iniciou na agricultura, continuou na indústria e no setor externo e na transformação dos direitos de propriedade, sobretudo em relação aos contratos privados na produção agrícola, industrial e de comércio exterior, substituindo grande parte da produção e planejamento estatal, promovendo a descentralização. Esses fatores ajudam a compreender melhor alguns dos maravilhosos resultados obtidos no modelo de desenvolvimento econômico chinês.

Porém, nem tudo foi positivo no processo de desenvolvimento chinês, pois, devido aos movimentos das nações nesse mundo globalizado, alguns efeitos indesejados ocorrem como: a alta concentração regional e desenvolvimento econômico desigual, a diferença de consumo, produção e investimento entre as regiões costeiras e as do interior do país e a pobreza.

Na China tudo tem a medida de seu 1,3 bilhão de habitantes, equivalente a um quinto das pessoas que cobrem o planeta. Quando essa massa humana se mexe, os abalos que causa podem ser sentidos a milhares de quilômetros de distância. Possui um mercado muito heterogêneo em relação aos seus níveis de desenvolvimento e de renda, em sua maioria, distintos pela sua distribuição geográfica. A classe média está diminuindo e as regiões mais desenvolvidas são aquelas localizadas no litoral. Nas regiões situadas no centro e oeste, são as que têm um nível menor de desenvolvimento econômico, investimento estrangeiro. Isso fez com que o governo chinês realizasse uma campanha para desenvolver o oeste e centro da China, o plano “Go West”, com um aumento do gasto público e uma política de atração de investimento externo por meio de incentivos fiscais, concessão de terrenos e a flexibilização dos setores fechados aos capitais estrangeiros no país. É difícil enfrentar o mercado chinês, mas a maioria das empresas que decide se instalarem no país o faz com uma meta essencialmente para exportação. O governo sabe e incentiva essa situação pois assim consegue que sua balança de pagamentos seja positiva. Ao mesmo tempo com esses investimentos, são gerados empregos e são realizadas diversas vendas para essas novas empresas. De qualquer maneira, com a sua entrada na OMC, as compras dessas matérias-primas não serão mais obrigatoriamente feitas em empresas locais.

2.3 POLÍTICA EXTERNA DA CHINA

A China aplicou uma forte política externa de paz, se esforçou para promover o desenvolvimento da multipolarização, respondeu ativamente a globalização econômica, participou da cooperação regional e tem se dedicado a estabelecer uma nova ordem política e econômica internacional justa e razoável e tem promovido a justa causa do desenvolvimento e da paz mundial.

Da mesma forma, o objetivo básico dessa política está em resguardar a sua independência e soberania. Se esforça para criar um ambiente internacional pacífico para a construção pela modernização e reforma e abertura do país e assim defender a paz mundial e promover o desenvolvimento conjunto.

Assim, promove a abertura para os países desenvolvidos e para os em desenvolvimento. Prega a cooperação internacional e promove o desenvolvimento conjunto, baseado na igualdade e no benefício recíproco. A China, como o maior país em desenvolvimento e como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU

tem como prioridade lutar pela paz mundial e o desenvolvimento, assim como, estabelecer uma nova ordem econômica e política internacional pacífica, estável, justa e racional.

O governo chinês fala de um “poder nacional global”, principalmente nas áreas da economia e da política. Tanto o contexto histórico de sua diplomacia como a a sua atual inserção no sistema internacional explicam esses objetivos. Na década de oitenta a China estabeleceu relações diplomáticas com diversos países da Ásia, África, América Latina e Oceania. Na década de noventa estabeleceu relações diplomáticas com as repúblicas recém independentes. No final de 2000 a China tinha relações diplomáticas com 161 países, normalizando sua relação com seus vizinhos, participando de foros globais e regionais.

Porém a China não está satisfeita, exerce menor influencia do que ela crê que deveria ter, busca o reconhecimento de seu poder e não aceita a idéia de uma ordem mundial dominada pelos Estados Unidos. Assim, não medirá esforços para um sistema internacional estável, que é condição indispensável para assegurar seu crescimento, assim como um maior status diplomático. A China tem se beneficiado da sua integração com o mundo e uma nova geração de governantes parece assumir um conceito das relações internacionais baseado mais na cooperação do que não competência pelo poder. Com isso, a China está disposta a desenvolver de forma ampla e profunda, a cooperação bilateral e multilateral no plano internacional. Aos países em desenvolvimento, que possuem algumas dificuldades, a China está disposta a oferecer toda a ajuda que está a seu alcance.

3. CRESCIMENTO ECONÓMICO

O rápido crescimento chinês pode ser diferenciado por 3 fases de investimento, distintas e consecutivas, fruto não de uma estratégia pensada do governo ou das autoridades econômicas, mas sim consequência de fatores ocasionais de que as autoridades souberam aproveitar.

A 1ª fase de crescimento, que abranger até o final dos anos 80, resulta da industrialização do interior rural e ocorre da possibilidade dada aos agricultores de produzir e vender fora do sistema de planificação do Estado, o que permitiu o aparecimento de uma economia exterior à do plano. A segunda fase ocorre no começo dos anos 90, quando acontece uma nova fonte de investimentos estrangeiros, que na sua maioria vinham de Taiwan, Hong Kong e dos chineses expatriados, e que deu origem a um novo sistema de produção envolvendo as indústrias têxteis e de confecção, eletrônica e equipamentos elétricos, ocorrendo isso até à crise asiática de 97. A 3ª fase, começou com a vinda dos Investimentos Diretos Externos, vindo de países industrializados, como EUA, Japão, UE, onde 400 das maiores empresas mundiais dos setores das telecomunicações, da indústria petrolífera, dos automóveis e máquinas e utensílios já instalaram as suas redes de produção na China.

O governo chinês adotou numerosas medidas para atrair os investimentos estrangeiros e desenvolveu uma estratégia em que a entrada para a OMC, os jogos olímpicos de 2008 ou a exposição universal de 2010, são peças essenciais à atração dos investidores estrangeiros.

Desde 1978 a China conheceu um crescimento médio anual de 9,6% ⁹. Em 2002 o objetivo que os dirigentes chineses fixaram até 2020 é o de quadruplicar o PIB, o que implica um crescimento anual de pelo menos 7% durante esse período, sendo certo de que isso acarretará o aumento da já crescente demanda por energia e as já péssimas agressões ao meio ambiente com as consequências repercutindo em todo o mundo.

Mesmo não confiando nas estatísticas chinesas não há dúvidas, para qualquer pessoa que faça uma pequena pesquisa sobre o país ou para algum visitante de que nos últimos anos esse foi o ritmo ditado pelo crescimento econômico. Ocorrendo ainda nos últimos anos um pesado programa de investimento público elaborado com o objetivo de atenuar o efeito negativo do ciclo de 1998.

⁹ MORRISON, Wayne M. China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress.

Este crescimento é mais rápido nas zonas costeiras e do leste, que concentram cerca de 60% da população. Em particular as províncias de Guangdong, nas décadas de 80 e 90, e a de Fujian ao norte daquela, tem sido beneficiadas de grandes investimentos de empresas de Hong-Kong e de Taiwan. A expectativa infundada de que este crescimento das zonas costeiras arrastasse o das regiões do interior, provocou a migração de dezenas de milhões de trabalhadores para as províncias do leste e a elaboração de planos de desenvolvimento do interior com o objetivo de diminuir os enormes desequilíbrios regionais e sociais.

Um episódio importante em relação a economia chinesa é a composição do crescimento do PIB. O desenvolvimento econômico destaca a importância da acumulação de capital para o crescimento econômico. Realmente, uma parcela expressiva de seu crescimento pode ser ligada a investimentos em bens de capital que tornaram o país mais produtivo. O alto grau de acumulação de capital tem sido possível graças à elevada taxa de poupança da China, uma das mais altas do mundo. Em 1979 esta era de 32%, aumentado para 49% em 2004¹⁰. Enquanto o estoque de capital cresceu a uma taxa média anual de 7% entre 1979 e 1994, a razão capital-produto continuou inalterada. No período pré-1978, a formação bruta de capital foi responsável por 65% do crescimento enquanto a mão-de-obra, um recurso abundante na China, foi responsável por 17% do crescimento. Contudo, pós-1978, esses dois fatores juntos foram responsáveis apenas por 58% do crescimento. Com o aumento de produtividade explicando os outros 42% do crescimento, concluímos que este foi o grande responsável pelo boom da economia chinesa¹¹

3.1 SETORES ECONÔMICOS

A agricultura é o setor mais importante da economia chinesa, ocupa cerca de 325 milhões de ativos e beneficiou, a partir de 1978, do processo de reforma econômica que transferiu o controle da terra das unidades coletivas para as famílias, com efeitos extremamente positivos no nível da produção agrícola.

No setor mineiro o número de trabalhadores passou, na indústria do carvão, de

¹⁰ MORRISON, Wayne M. China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress.

¹¹ HU, Zuli; Khan, Mohsin S. Why Is China Growing So Fast? IMF, Economic Issues 8.

5,1 milhões em 1996 para 3,3 milhões em 2002, como resultado do esforço da racionalização para aumentar os níveis de segurança e a rentabilidade das minas que tem conduzido ao encerramento de muitas delas. O mesmo panorama se verifica para a exploração do ouro, em que a China se perfila como 5º produtor mundial, exigindo igual esforço de racionalização. A China também se tornou um importante produtor e exportador de metais raros essenciais para as indústrias de alta tecnologia, tais como vanádio, titânio, germânio, gálio e silício poli cristalino.

A indústria transformadora, que nos últimos 20 anos deixou de ter a distribuição de recursos controlada por um planejamento central para passar a ser orientada pelas forças de mercado, cresceu a uma média de 11,4% ao ano em termos reais, liderada, no início dos anos 90, por empresas municipais, incentivadas pelos governos provinciais. O enorme fluxo de investimento que lhe tem sido dirigido tem sido aplicado essencialmente em ampliações da capacidade existente. No futuro realçam-se os investimentos previstos em setores como o siderúrgico e o têxtil, que em 2003 alcançaram já aumentos de investimentos de 72 e 111%, respectivamente, podendo estes setores vir a sofrer do risco de excesso de capacidade instalada.

As empresas privadas e de capitais estrangeiros cresceram rapidamente, e contribuíram com 11,7% para o produto industrial empregando 20 milhões de trabalhadores urbanos. As empresas de capitais estrangeiros desempenharam um papel particularmente importante no rápido aumento do valor das mercadorias exportadas. A China, tirando partido de uma mão-de-obra abundante e barata, impôs-se no cenário internacional durante os anos 80 nos setores, têxtil, do vestuário e do brinquedo, fazendo forte concorrência à indústria europeia e americana. A partir dos anos 90 desenvolveu novas competências em produtos de maior conteúdo tecnológico, procedendo à montagem e comercialização destes produtos, com a participação de empresas estrangeiras essencialmente japonesas e de outros países do sudoeste asiático. Tem desenvolvido também outros setores de alta tecnologia, como por exemplo o químico, ou nos de ponta, a biotecnologia ou da informação e comunicação, atividades de pesquisa e *design*.

A criação de parques tecnológicos, com o intuito de atrair empresas estrangeiras em zonas econômicas especiais (Xangai e província de Guangdong), atesta a política seguida pelos poderes públicos quanto ao desenvolvimento destas novas competências ao nível industrial. Por outro lado os industriais chineses têm desenvolvido interesse por questões relativas à qualidade desenvolvendo as suas próprias marcas com que se

apresentam nos mercados internacionais nomeadamente nos setores de eletrônica e de equipamento doméstico.

As empresas menos dinâmicas foram as do Estado que só vem contribuindo em torno de 15,6% da produção industrial quando nos anos 70 contavam com mais de 80%. No entanto se considerarmos não só as empresas 100% estatais como aquelas em que o Estado tem participação, as coisas se tornam diferentes e a parte no produto industrial passou para 41%. As entidades oficiais parecem concordar sobre a necessidade de racionalização do ineficiente setor e estatal da economia. Para isso têm prosseguido com o fim de algumas empresas ou integração de outras, venda de parte ou totalidade das empresas no mercado interno ou no mercado internacional, ou autorizando as empresas estatais a reduzir pessoal. É estimado que entre 1998 e 2002 mais de 26 milhões de trabalhadores tenham sido despedidos, e que, entre 1995 e finais de 2002, o número de empresas estatais se tenha reduzido de 118 000 para em torno de 41 000.

A construção de infra-estruturas é um setor de inesgotáveis necessidades, devido ao desenvolvimento do país, que vem apenas aumentando seu crescimento. O investimento imobiliário tem sido um dos de mais rápido crescimento. Por outro lado, no que diz respeito ao setor bancário as autoridades reestruturaram o banco central (People's Bank of China) e têm permitido que os bancos funcionem numa base mais comercial. Medidas de reforço foram empreendidas com injeções de capital que devem continuar nos 4 grandes bancos : BOC-Bank of China; CCB-China Construction Bank; Indústria and Commercial Bank of China e o Agricultural Bank Of China) que representam 60% dos ativos bancários.

Complementando as reformas das empresas estatais o governo tem tentado introduzir um novo sistema de segurança social, o que se impõe não só pelo peso de trabalhadores naquelas empresas como pela dependência que os mesmos e as suas famílias têm das regalias sociais prestadas por estas empresas, tais como habitação, cuidados de saúde, educação e pagamento de pensões. No entanto os interesses instalados têm reagido a estas reformas o que não é de estranhar. Estas necessidades crescentes têm tido reflexo no crescimento das despesas do Estado, enquanto que as Receitas não estão crescendo no mesmo ritmo. Apesar destes valores serem perfeitamente aceitáveis existem situações de risco que, a concretizarem-se, poderão provocar desequilíbrios que ameaçam a atual estabilidade.

Os mercados de bens de consumo têm de ser vistos em bases regionais ou provinciais, pois não existe um mercado nacional integrado, o que se pode ligar diretamente à proteção dada pelas autoridades ao excesso de produção das empresas locais, municipais ou privadas.

3.2 COMÉRCIO INTERNACIONAL

A importância do comércio externo chinês fica patente pelo seu peso no PIB, que vem aumentando ao longo do tempo. Desde 1979, o comércio externo chinês tem crescido a uma taxa média anual de 9,6%, comparada com uma taxa de 7% do comércio mundial no mesmo período¹². Já outras economias asiáticas, como Japão, Coreia do sul e as novas economias industrializadas da Ásia foram capazes de manter as mesmas taxas de crescimento por longos períodos. Porém, com a dimensão populacional da China e a sua capacidade potencial de manter altas taxas de crescimento, o seu impacto na economia global pode ser maior do que foi o das outras economias.

A autoridade da China no cenário mundial também pode ser medida por sua relevância no comércio internacional. Em 2002, o país ficou em quarto lugar no *ranking* dos maiores exportadores e em sexto no *ranking* de importadores. É impressionante o crescimento de seu comércio exterior nos últimos anos. De 1992 a 2002, as exportações aumentaram 283% (14,4% ao ano), pulando de US\$ 85 bilhões para US\$ 326 bilhões. As importações cresceram 266% (13,9% ao ano) no período, passando de US\$ 81 bilhões para US\$ 295 bilhões. A China realmente tem liderado o comércio mundial de determinados produtos. Em 2002, por exemplo, o país foi o maior importador mundial de soja e derivados (grãos, farelo e óleo de soja) e o segundo maior importador de ferro e aço (o primeiro em aços laminados frios e aços especiais)¹³. A importância deste crescimento é de tal grandeza que é responsável por cerca de dois terços do crescimento mundial do comércio em 2003.

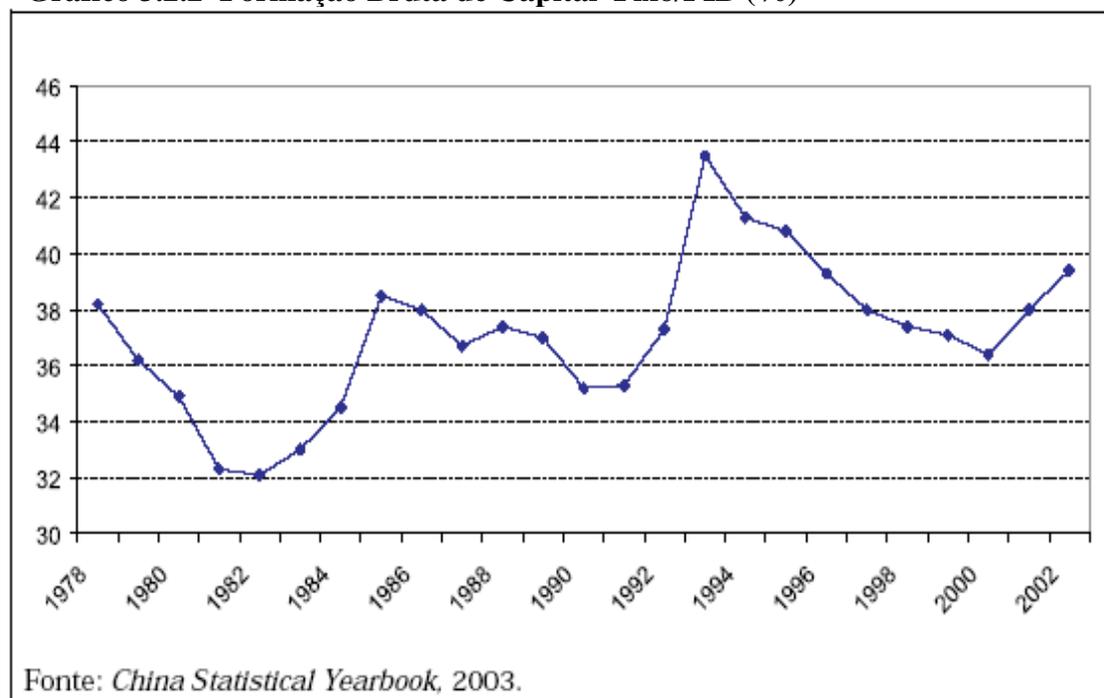
¹² MORRISON, Wayne M. China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress.

¹³ PUGA, Fernando Pimentel, et al. O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão N°104.

Gráfico 3.2.1 Evolução das exportações

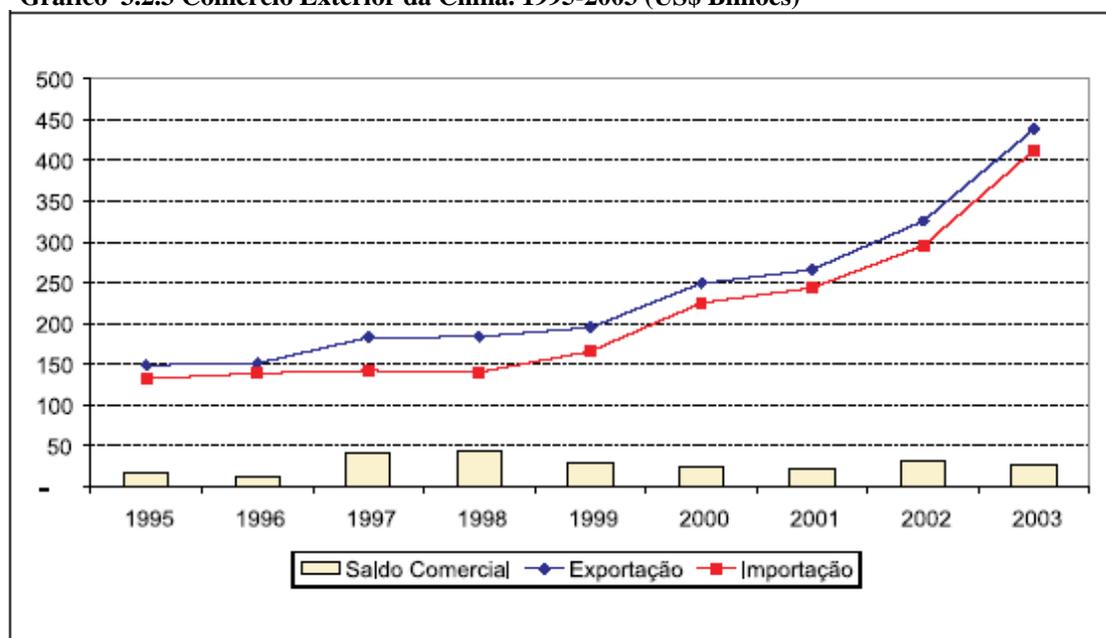


Gráfico 3.2.2 Formação Bruta de Capital Fixo/PIB (%)



Em 2003, as exportações da China alcançaram US\$ 438 bilhões, enquanto as importações atingiram US\$ 413 bilhões. De 1995 a 2003, as exportações chinesas cresceram 195%, 14,5% em média ao ano, acompanhadas por um aumento de 213%, 15,3% em média ao ano, nas importações. Esse desempenho aumentou nos últimos devido as reformas no comércio exterior e do ingresso do país na Organização Mundial de Comércio, de acordo com o gráfico abaixo¹⁴:

Gráfico 3.2.3 Comércio Exterior da China. 1995-2003 (US\$ Bilhões)



No quadro abaixo, com valores para os principais parceiros comerciais mundiais constatamos o ritmo avassalador do crescimento das trocas comerciais da China com o resto do Mundo.

¹⁴ PUGA, Fernando Pimentel, et al. O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão N°104.

Tabela 3.2.1 Trocas comerciais da China

	Exportações				Importações			
	Mil Milhões de US\$	Variação anual em %			Mil Milhões de US\$	Variação anual em %		
	2003	1990- 2000	2002	2003	2003	1990- 2000	2002	2003
Mundo	7274	6	4	16	7557	6	4	16
UE (15)	2894	4	6	17	2914	4	4	18
EUA	724	7	-5	4	1306	9	2	9
Japão	472	5	3	13	383	5	-3	14
China	438	15	22	35	413	15	21	40
Índia	56	9	14	11	70	8	12	23
Ásia	1897	8	8	17	1734	8	6	19
Mercosul	106	6	1	19	69	12	-26	10
África	173	3	2	22	165	3	4	17

Fonte: OMC

O crescimento das importações tem sido igualmente gigantesco. Apesar da proporção crescente de bens de consumo, o seu padrão é essencialmente determinado pelas importações de componentes para exportações. Os parceiros mais importantes nas importações são a UE e o Japão.

Principais Parceiros Comerciais -2002

Exportações	%	Importações	%
EUA	21,5	UE	18,1
UE	18,2	Japão	18,0
Hong Kong	17,8	Taiwan	12,9
Japão	14,7	Coreia do Sul	9,8
Coreia do Sul	4,9	EUA	9,2
Alemanha	3,4	Alemanha	5,4
Holanda	2,8	Hong Kong	3,7
Reino Unido	2,5	França	1,4

Fonte: China Statistical Yearbook

O ritmo de crescimento das exportações deve-se essencialmente à produção de empresas de capital estrangeiro que quase triplicou o total das exportações, representando os produtos da indústria transformadora mais de 90 % do total.

As exportações têxteis tiveram uma pequena queda enquanto as de máquinas e material elétrico aumentaram isso ocorreu devido ao investimento estrangeiro principalmente de empresas de Taiwan, Japão e da Coreia do Sul. O maior mercado de destino das exportações chinesas é o do EUA.

As máquinas e equipamentos de transporte são de suma importância tanto do lado das importações como no das exportações. As importações de bens de consumo aumentaram nos últimos anos, mas o padrão das importações é amplamente determinado pelas necessidades de importações de componentes para as fábricas produtoras de bens para exportação. A principal exceção a esta vinculação é a relativa ao petróleo e seus derivados (as necessidades chinesas representam hoje em dia 10 % da procura mundial) cujas importações têm aumentado rapidamente nos últimos anos, refletindo o que por alguns é conhecido como o calcanhar de Aquiles do crescimento chinês, a energia.

Comércio Internacional de Mercadorias em (US\$-bilhões)

	Exportações		%		Importações		%	
	1998	2002	1998	2002	1998	2002	1998	2002
Agro-Alimentares	10 513	14 621	5,7	4,5	3 788	5 238	2,7	1,8
Bebidas e Tabaco	975	984	0,5	0,3	179	387	0,1	0,1
Matérias-primas não comestíveis	3 519	4 402	1,9	1,4	10 715	22 736	7,6	7,7
Minerais, combustíveis e lubrificantes	5 175	8 435	2,8	2,6	6 776	19 285	4,8	6,5
Óleos animais e vegetais, gorduras	307	98	0,2	0	1 491	1 625	1,1	0,6
Produtos químicos e relacionados	10 321	15 325	5,6	4,7	20 158	39 036	14,4	13,2
Produtos industriais ligeiros, borracha, ferro e outros minerais	32 477	52 955	17,7	16,3	31 075	48 489	22,2	16,4
Maquinaria e equipamento de transporte	50 217	126 976	27,3	39	56 845	137 010	40,5	46,4
Outras	70 205	101 801	38,2	31,3	9 210	21 365	6,6	7,2
Total	183 709	325 597	100	100	140 237	295 171	100	100

Fonte : China Statistical Yearbook 2003

Este crescimento devorador manifesta-se do mesmo modo no consumo de outras matérias-primas, como no alumínio, aço, metais ferrosos, carvão e cimento, fazendo disparar os preços das matérias-primas a nível mundial.

O arranjo do seu comércio exterior vem lidando com diversas e essenciais mudanças, destacando o aumento do conteúdo tecnológico nas exportações. Pois, até meados dos anos 90, o país se enfatizava na exportação de produtos intensivos em trabalho, como artigos têxteis e vestuário. Mas, nos últimos anos, houve uma queda na participação desses produtos, enquanto aumentaram expressivamente as exportações de máquinas de escritório e informática, aparelhos eletrônicos e de comunicação e máquinas e equipamentos.

Principais Itens da Pauta de Exportações da China: 1995-2002 (US\$ Milhões)

<i>Setor</i>	<i>Valores (US\$ Milhões)</i>		<i>Crescimento (% ao Ano)</i>
	<i>1995</i>	<i>2002</i>	
Alimentos e Bebidas	9.287	12.424	4,2
Têxtil	17.491	27.636	6,8
Vestuário	21.546	35.455	7,4
Couro e Calçados	10.058	16.834	7,6
Química	9.391	15.794	7,7
Máquinas e Equipamentos	6.190	21.268	19,3
Máquinas de Escritório e Informática	4.766	36.228	33,6
Materiais Elétricos	6.970	19.991	16,2
Eletrônico e Comunicações	10.741	42.430	21,7
Diversos (Móveis, Brinquedos etc.)	11.089	24.483	12,0
Demais	41.088	73.052	8,6
Total	148.616	325.596	11,9

Fonte dos dados brutos: *UNComtrade*.

**Principais Itens da Pauta de Importações da China:
1995-2002 (US\$ Milhões)**

<i>Setor</i>	<i>Valores (US\$ Milhões)</i>		<i>Crescimento (% ao Ano)</i>
	<i>1995</i>	<i>2002</i>	
Extração de Petróleo	2.360	12.757	27,3
Alimentos e Bebidas	6.007	7.026	2,3
Têxtil	11.274	13.499	2,6
Química	18.356	40.412	11,9
Metalurgia	9.708	24.325	14,0
Máquinas e Equipamentos	24.619	34.177	4,8
Máquinas de Escritório e Informática	2.855	17.094	29,1
Materiais Elétricos	5.972	15.689	14,8
Eletrônico e Comunicações	12.476	55.841	23,9
Instrumentos Médicos e Ópticos	4.277	13.907	18,3
Demais	33.449	60.442	8,8
Total	131.353	295.170	12,3

Fonte dos dados brutos: *UNComtrade*.

3.3 INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO E AS RESERVAS CAMBIAIS

Atualmente, a China é o país que mais recebe investimento direto estrangeiro, passando os Estados Unidos, tendo recebido em 2003 6,3% do total dos investimentos direto estrangeiro¹⁵. A trajetória do seu crescimento econômico foi fundamentada por esses investimentos através das ZEEs. Na primeira fase, ocorrida entre 1979 e 1985, a finalidade era atrair investimentos estrangeiros para o desenvolvimento de recursos naturais e para o setor exportador. Mas nesse período, ainda com pouca infra-estrutura e sem mão-de-obra qualificada o fluxo de investientos direto estrangeiro ficou baixo. Mas, as firmas encotradas nas ZEEs, em meados da década de 80, passaram a ter menos restrições no comércio interno e externo e as concessões foram aumentando. Assim, empresas de capital estrangeiro não eram mais proibidas fora das ZEEs¹⁶.

Em 1983 os investimentos direto estrangeiro na China foram de US\$ 640 milhões de dólares¹⁷, já em 2005, apesar dos esforços do governo para desaquecer a

¹⁵ PEREIRA, Lia Valls; FERRAZ FILHO, Galeno Tinoco. O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros. Funcex, Texto para discussão N°163.

¹⁶ CERRA, Valerie; DAYAL-GULATI, Anuradha. China's Trade Flows-Changing Price Sensitivies and the Reform Process. IMF, Working Paper N°99/1.

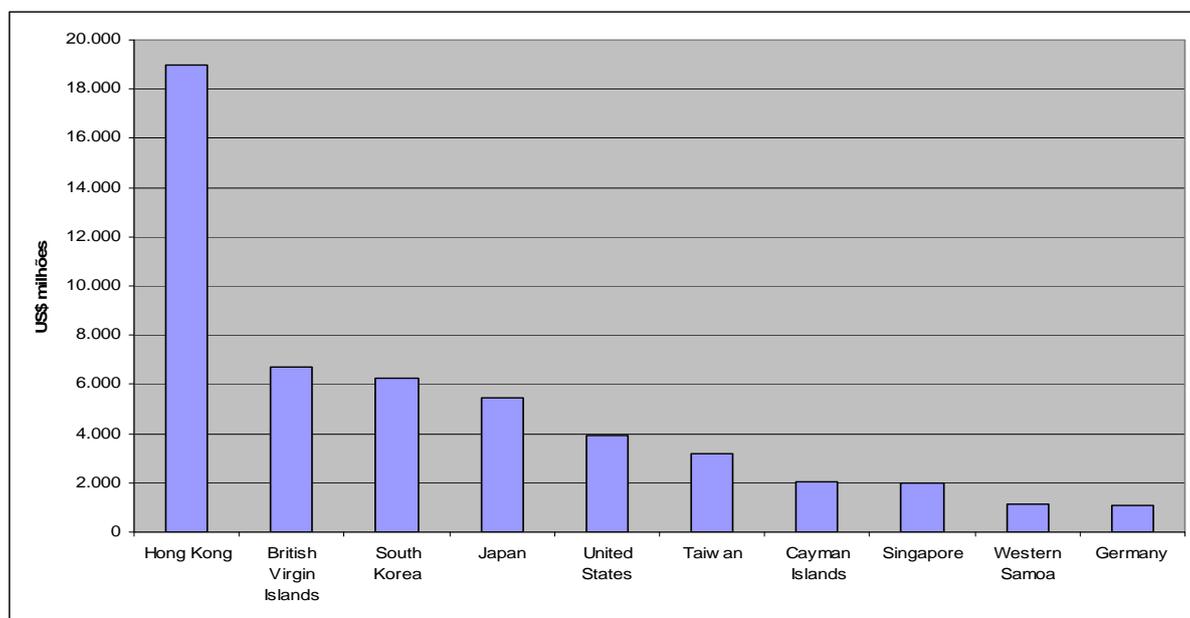
¹⁷ MORRISON, Wayne M. China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress.

economia, os investimentos direto estrangeiro foram de US\$ 60 bilhões de dólares, quantia muito alta, principalmente, se compara a dos outros países. Os fatores que contribuem para a atração desses investimentos ocorreram com as reformas econômicas realizadas, pelo imenso e crescente mercado interno consumidor e pela grande e barata mão-de-obra.

A concorrência por investimentos estrangeiros surge quando a poupança mundial é escassa. Com tudo constante, se algum investimento é lucrativo em um país a consequência disso é que aumente os investimentos nesse país. Vimos que é isso que vem ocorrendo nos últimos anos. O investimento direto estrangeiro para a China aumentou em 4%, assim, houve uma queda do mesmo 4% para os outros países, assumindo aqui que a poupança mundial permaneceu constante. Porém, os mercados são imperfeitos e assim alguns países são mais afetados do que outros. Foram afetados principalmente os países com alto índice de coincidência da origem e aqueles que recebem investimentos de setores similares aos da China.¹⁸

Os gráficos abaixo mostra a composição dos fluxos de investimentos direto estrangeiros para a China por país de origem e a composição desses investimentos:

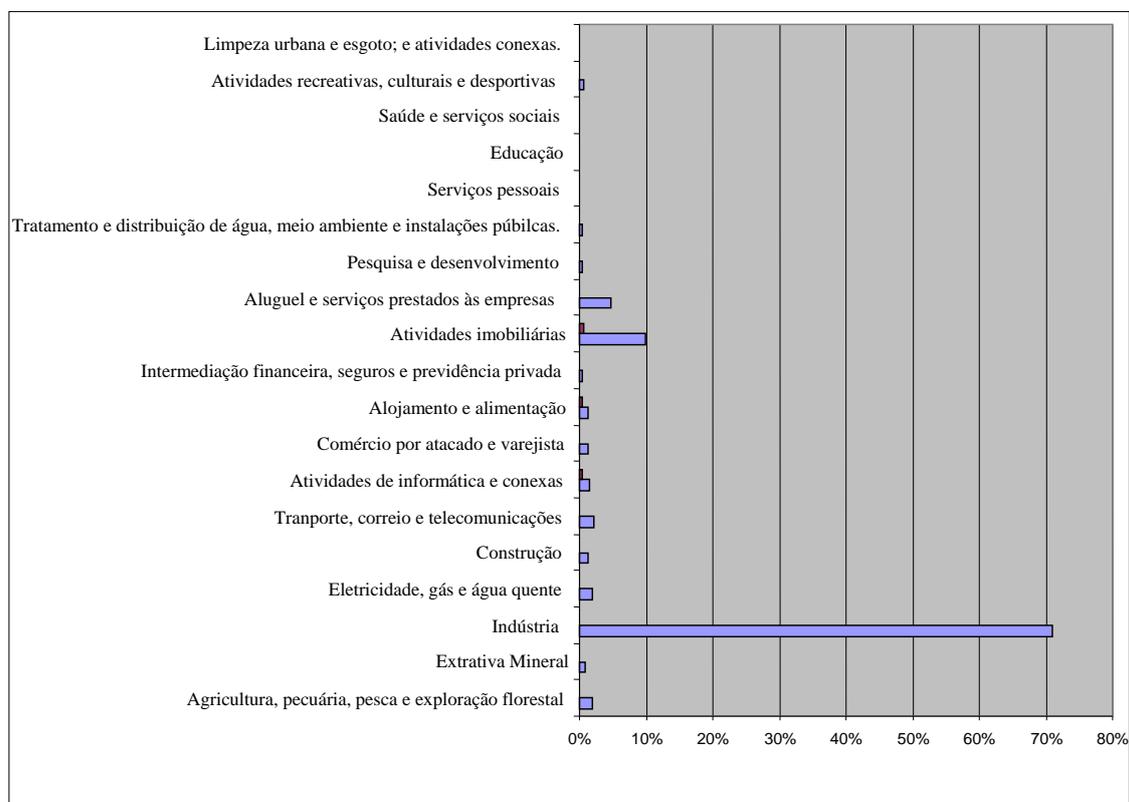
Gráfico 3.3.1 Fluxo de Investimento direto estrangeiro por país de origem para a China (2004)



Fonte: CSY (China Statistical Yearbook 2005).

¹⁸ The Emergence of China: Opportunities and Challenges for Latin América and the Caribbean, 2005.

Gráfico 3.3.2 Composição do fluxo de investimento direto estrangeiro por Setor do Mundo para China (2004)



Fonte: CSY (China Statistical Yearbook 2005).

O controle das saídas de divisas é bem limitado, apesar das fugas serem maiores do que se poderia esperar, e a taxa de câmbio tem-se mantido estável, apesar das pressões dos principais parceiros comerciais no sentido de revalorização da moeda chinesa. O sistema de câmbios fixos está provocando um aumento significativo da base monetária do país, resultante da entrada de divisas e da acumulação de reservas cambiais, e com reflexo no aumento do nível geral dos preços.

Em março de 2006 as reservas internacionais da China tinham acumulado US\$ 875,1 bilhões de dólares¹⁹, ultrapassando o Japão como o país com as maiores reservas. Porém, muitos economistas creditam ao yuan desvalorizado diante do dólar como uma das causas do saldo positivo em sua balança comercial. Diante da pressão internacional, a China valorizou o yuan 2,1% em relação ao dólar em julho de 2005. Para muitos isso

¹⁹ MOREIRA, Assis. Asiáticos iniciam diversificação. Valor Econômico, 8 de maio de 2006.

ainda não é o satisfatório. Kenneth Rogoff, ex-economista chefe do FMI, pede uma valorização do yuan de 5% a.a. ao longo de vários anos.²⁰

²⁰ MOREIRA, Assis. OMC quer que China valorize sua moeda. Valor Econômico, 16 de março de 2006.

4. POBREZA RURAL

Durante as últimas décadas, vamos assistindo ao espetacular crescimento econômico da China, porém, a pobreza milenar continua no campo. Esse avanço ainda tem que aproximar 800 milhões de habitantes da zona rural a uma vida melhor. Assim, vemos que de cada 10 chineses, 6 não estão participando desses avanços. Nenhuma nação moderna teve um crescimento de modo sustentado deixando a maioria da população em condições inferiores, e é essa hoje, a preocupação para a continuação do desenvolvimento. A geração de riquezas urbana não está conseguindo eliminar a pobreza do campo, e em alguns casos, ainda está piorando a situação. Os chineses do campo são cidadãos controlados pelo governo, pois há ainda, o medo de uma explosão social no campo, e como tudo na China, isso causaria problemas gigantescos.

A terra pertence ao Estado, e muda seu destino de acordo com as novas oportunidades que vão surgindo de empreendimentos imobiliários ou a necessidade de criação de uma nova zona industrial. No início dos anos 80, com Deng Xiaoping, houve um fracionamento das ineficientes comunas agrícolas, transformando-as em quinhões familiares. Essas famílias eram autorizadas a vender seus produtos a preços de mercado, e com isso, a renda no campo aumentou. Porém, houve a captura urbana, e assim, a renda per capita rural foi de US\$ 400 dólares por ano enquanto na cidade está em torno de US\$ 1300 dólares. A tendência da desigualdade de ganhos é aumentar, tanto pela aceleração da produção de riqueza urbana quanto pela crescente deterioração do campo.

O êxodo rural só não acarretou revoluções pois a China ainda é uma ditadura comunista, e assim, é administrada pelo sistema Hukou, onde todo chinês deve residir e trabalhar onde nasceu. Para uma mudança é necessário uma permissão do mandarim, e a violação da regra acarreta punições severas, sendo a pior, a perda da terra. Porém, mesmo assim, estima-se que há entre 150 e 200 milhões de migrantes “ilegais”, empregados nas cidades e enviando dinheiro para a família no campo. Só em 2005 os migrantes enviaram em torno de 45 bilhões de dólares aos parentes na zona rural.

Quando não é o campo que sonha com a cidade é a cidade que invade o campo. O debate aqui não é de camponeses que são contra o progresso. Na verdade, eles reconhecem o desenvolvimento e acreditam que isso irá gerar uma melhor condição de vida para todos.

O crescimento econômico da China nas suas imensas proporções fez com que sua população aumentasse admiravelmente o consumo, principalmente de bens

duráveis. O maior aumento ocorreu em aparelhos celulares, com uma ampliação de 19,5 para 62,9 no número de aparelhos possuídos por cada 100 trabalhadores urbanos, entre 2000 e 2002²¹. Mas, as desigualdades nos níveis de consumo entre a população urbana e a rural persistem e são assustadoras. Essa diferença fica evidenciada nos consumos de refrigeradores e TVs coloridas. Em 2002, cada 100 trabalhadores nos centros urbanos possuíam 87,4 refrigeradores e 126,4 TVs coloridas, enquanto nas áreas rurais por cada 100 trabalhadores somente 14,8 possuíam refrigeradores e 60,5 TVs coloridas. E, inclusive dentro das áreas rurais, existe grandes desigualdade no padrão de consumo.

Nas províncias localizadas no oeste, que são as mais pobres, de cada 100 trabalhadores, apenas 6,1 possuem refrigeradores e 48 TVs coloridas. Embora haja intensa migração do campo para as cidades, a China conservar-se como um país predominantemente rural. No entanto, a participação da população urbana sobre o total vem crescendo. Em 1989, somente 26% da população encontravam-se localizados na área urbana, já em 2002 esse percentual já havia ido para quase 40%. O esclarecimento para o desenvolvimento da população urbana são as novas oportunidades de trabalho criadas nas cidades.

A flexibilização, a partir de 1997, do chamado “sistema hukou”. É outro importante fator que explica a mudança da composição da população urbano-rural. O hukou é um certificado que consente ao trabalhador chinês permanecer nas cidades e ganhar acesso preferencial a serviços públicos

O aumento dos postos de trabalho urbanos tem sido significativo nos últimos anos. De 1999 a 2002 houve um acréscimo de 11% no emprego urbano. Esse aumento na demanda por trabalho, contudo, não evitou um aumento do desemprego. Apesar de ser baixo se comparado aos níveis internacionais. A taxa de desemprego urbano alcançou 4% em 2002, aumentando um ponto percentual em relação a 2001. As perdas de postos de trabalho nas estatais e nas propriedades coletivas são apontadas como as principais razões para o aumento do desemprego.

É respeitável lembrar, entretanto, que os dados de desemprego chineses são, na realidade, bastante controversos. Na realidade, há uma conformidade de que o desemprego seja maior do que os apontados nos números oficiais. Não apenas há problemas na comparação de dados desagregados entre as províncias e dados nacionais,

²¹ Puga, Fernando Pimentel; et al. [2004] O Comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão nº. 104

assim como há a questão de como classificar adequadamente os chamados “*xiagang*”, que são os trabalhadores demitidos pelas empresas estatais e alocados em centros de reemprego. Acredita-se que entre 1998 e 2002, aproximadamente 25 milhões de pessoas tenham sido demitidas nas empresas estatais e nas propriedades coletivas. De acordo com o governo, a maioria desses trabalhadores já encontrou novos empregos ou se aposentou. Entretanto, se computados como desempregados em 2002, o desemprego da força urbana pula de 4% para 5,5%.

A manutenção do crescimento econômico rural com o controle político é fundamental para o desenvolvimento da China no futuro. Porém, os problemas vem aumentando. Milhões de trabalhadores do interior não podem ser absorvidos em trabalhos nas fazendas ou em regiões próximas, assim, vão para as cidades maiores em busca de emprego. Essa enorme massa de desempregados é uma grande fonte de problemas. Por enquanto, esses problemas têm sido atenuados, mas isso possivelmente atrairá mais pessoas em busca de melhores condições de vida nas áreas mais ricas e desenvolvidas. Além disso, não podemos esquecer as péssimas conseqüências dos empreendimentos rurais, que acabam com os escassos recursos hídricos, são grandes poluidores e não podem concorrer com empreendimentos mais ricos.

China - População

	1978	1989	1997	2001	2002
População (Milhões de Pessoas)	963	1.127	1.236	1.276	1.285
Rural	790	832	842	796	782
Urbana	172	295	394	481	502
Composição do Emprego (%)					
Agricultura	71	60	50	n.d	50
Indústria	17	22	24	n.d	21
Serviços	12	18	26	n.d	29

Fonte: *China Statistical Yearbook, 2003.*

**Número de Bens de Consumo Duráveis Possuídos por 100
Trabalhadores nos Centros Urbanos e nas Áreas Rurais ao
Final do Ano**

<i>Item</i>	<i>2000</i>	<i>2001</i>	<i>2002</i>
Motocicletas			
População Urbana	18,8	20,4	22,2
População Rural Total	21,9	24,7	28,1
12 Províncias do Oeste	12,3	14,3	17,3
Automóveis			
População Urbana	0,5	0,6	0,9
Refrigeradores			
População Urbana	80,1	21,9	87,4
População Rural Total	12,3	13,6	14,8
12 Províncias do Oeste	4,6	5,1	6,1
TVs Coloridas			
População Urbana	116,6	120,5	126,4
População Rural Total	48,7	54,4	60,5
12 Províncias do Oeste	36,6	42,0	48,0
Telefones Celulares			
População Urbana	19,5	34,0	62,9
População Rural Total	4,3	8,1	13,7
12 Províncias do Oeste	1,1	2,8	6,3

Fonte: *China Statistical Yearbook, 2003.*

5. CIÊNCIA E EDUCACAO NA CHINA

É na educação que a China vai depender para ser a maior economia mundial. Totalmente voltada para transformar o país em uma fábrica de pessoas qualificadas e competitivas para atuar na economia global, a velocidade da revolução na educação acompanha o ritmo do avassalador crescimento econômico. Em 1976, a China emergia do período da Revolução Cultural, quando a atividade intelectual do país ficou paralisada. Nessa época, os índices de analfabetismo eram de quase 60%, antagônico a um país com aspirações de se tornar uma potencia mundial. Apenas em três décadas a China formou um sistema de educação eficiente, com duas universidades consideradas entre as melhores do mundo.

Formou mais quase 1,2 milhões de pesquisadores com doutorado e diminuiu o analfabetismo para 4%, não esquecendo as dimensões chinesas para analisarmos o tamanho dessa evolução²². Nessa nova etapa, vem criando mecanismos para formar talentos individuais; estabeleceu um laço estreito entre a produção acadêmica e as necessidades econômicas, especialmente um forte investimento em pessoas para a área tecnológica e decidiu diminuir em 40% o número de universidades públicas do país e cobrar mensalidades dos estudantes nas faculdades públicas, e admitem que tiraram essa lição com os melhores do mundo, constatando que é inviável prover um ensino superior de alta qualidade para tantos alunos.

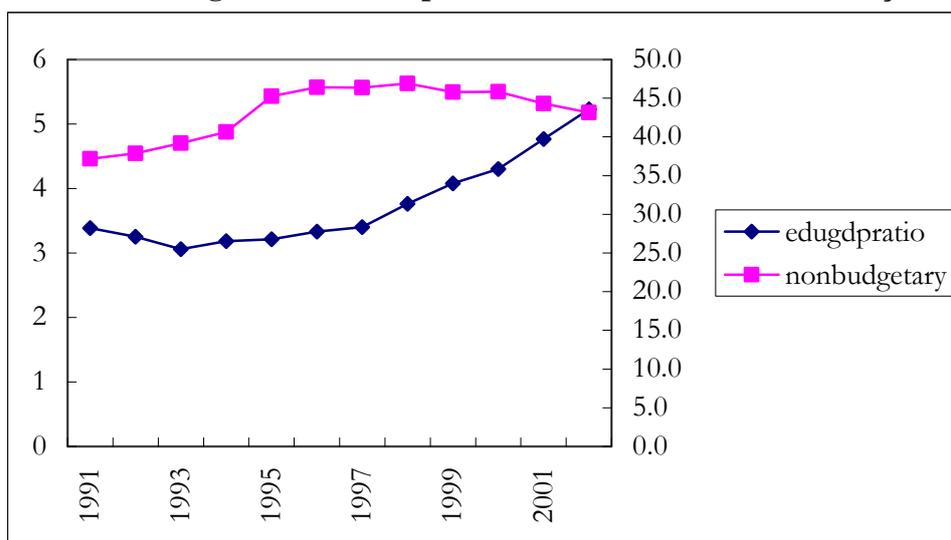
As estatísticas num todo são otimistas em relação ao sistema de educação da China, e sua taxa de analfabetismo é de 9%. Os trabalhadores que agora fazem parte da força de trabalho tiveram 11 anos de educação, quase três vezes mais do que os que agora se aposentam. Mas, apesar das universidades serem de alto nível, só é gasto 4,3% do PIB em educação. Menos do que a media dos outros países asiáticos. Apesar dos chineses contribuírem com mais dinheiro para educação do que os outros países em desenvolvimento.

Desde 1978 a economia da China vem sendo transformada passo a passo de uma economia de planejamento a uma economia de mercado. Um aspecto desta transformação é o grande aumento nos gastos em educação feitos pelo governo e por instituições não-governamentais. De acordo com a figura abaixo, vemos que os gastos do PIB em educação eram de 3,38% em 1991 e se manteve em torno disso até 1997,

²² Revista Veja. Editora Abril, edição 1968, 9 ago. 2006.

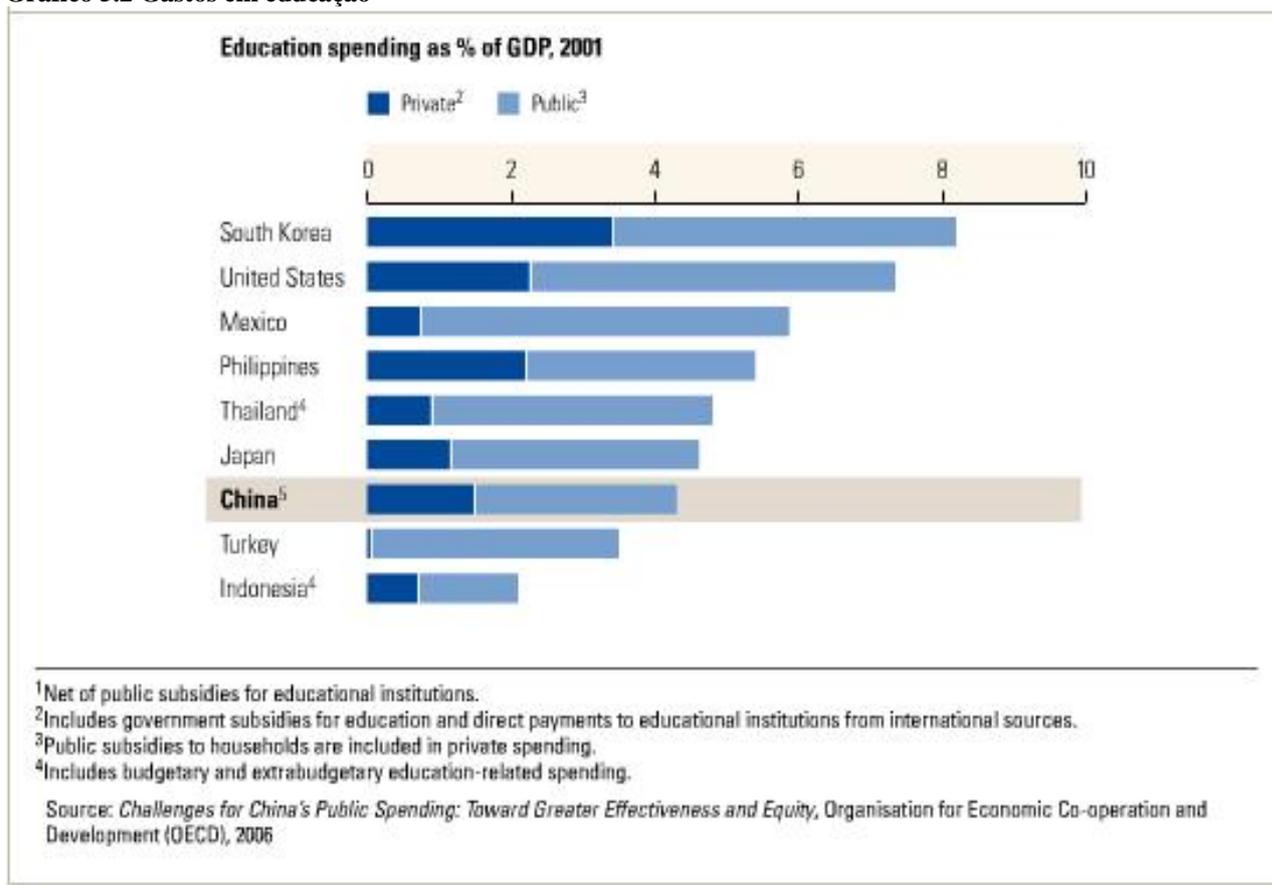
mas a partir daí foi aumentando significativamente e chegou em 5,21% em 2002. Enquanto os gastos não-governamentais aumentaram de 37,2% em 1991 para 43,2% em 2002, mas vem caindo gradualmente desde 1998²³.

Gráfico 5.1 As relações de fundos educacionais do PIB e o financiamento não-governamental para totalizar os fundos da instrução



²³ Chow, Gregory; Shen, Yan. [2005] Demand for Education in China

Gráfico 5.2 Gastos em educação



Em 1978, o sistema educacional era provido pelo governo. Desde as reformas econômicas, escolas não-governamentais aumentaram sensivelmente. As escolas não-governamentais incluem dois tipos, aqueles estabelecidos e operados por instituições não-governamentais e as escolas públicas que se transformaram em operações privadas. Ambos os tipos de escolas são guiados por forças sociais em China. O desenvolvimento de uma liberdade na educação acelerou com expedição ao sul de Deng Xiaoping em 1992, onde o líder declarou uma política de maior abertura da economia chinesa no mundo e estimulou os chineses a adotarem medidas necessárias para promover o crescimento econômico. Isso encorajou aos chineses a estabelecerem instituições educacionais não-governamentais.

Em 2002, os analfabetos ou semi-analfabetos representavam 11,63% da população acima de 15 anos. Contudo, observam-se expressivas diferenças por gênero e região. Nesse próprio ano, o analfabetismo entre as mulheres foi de 16,9% e entre os homens, 6,4%. A desigualdade entre regiões foi ainda maior. Enquanto em centros urbanos como Beijing, Tianjin e Jilin as taxas ficaram próximas a 5%, algumas

províncias do oeste apresentaram taxas significativamente maiores. O Tibet apresentou 43,8% de analfabetismo ou semi-analfabetismo, enquanto Qinghai, por exemplo, teve 24,8%, em 2002²⁴. O dado mais significativo é o crescimento do número de estudantes em faculdades e universidades atualmente. De fato, desde 1998, o governo iniciou um programa de ampliação do número de bolsas escolares para o estudo, o que possibilitou o acesso ao estudo por uma parte maior da população. Atualmente, o valor do apoio financeiro total concedido a um estudante é superior à renda per capita. As implicações do aumento do ensino superior são significativas. Dado o tamanho da força de trabalho chinesa, o país possui hoje grande disponibilidade de mão-de-obra altamente educada, ao mesmo tempo em que convive com elevados índices de analfabetismo em determinadas regiões. Outro dado surpreendente é que o aumento do ensino superior foi mais do que compensado por uma redução relativa da escolaridade primária. Em 1989, 70% da população tinham acesso à escola primária. Após a ativação da abertura do regime, em 1989, a escolaridade primária vem diminuindo. As conseqüências da desigualdade das condições educativas e, principalmente, o ainda alto grau de analfabetismo chinês são questões preocupantes. Dado o aumento da participação da indústria, especialmente, da indústria mais intensiva em tecnologia. No produto, a baixa qualificação tende a reservar parte da população chinesa ao subemprego, principalmente para a população rural, ou ao desemprego.

Registro de Estudantes por 10 Mil Pessoas e Composição dos Estudantes Registrados nos Ensinos Universitários, Secundário e Primário

Ano	Estudantes como Percentual da População Total	Número de Estudantes por 10 Mil Pessoas			Estudantes de Diferentes Níveis como Percentual do Total de Estudantes		
		Universidades e Faculdades	Escola Secundária	Escola Primária	Universidades e Faculdades	Escola Secundária	Escola Primária
1978	22,2	8,9	690	1.519	0,4	31,1	68,5
1989	15,7	18,5	448	1.098	1,2	28,7	70,1
2000	17,3	43,9	660	1.028	2,5	38,6	58,9
2001	17,4	56,3	697	983	3,2	40,2	56,6
2002	17,5	70,3	733	946	4,0	42,0	54,0

Fonte: *China Statistical Yearbook*, 2003.

²⁴ Puga, Fernando Pimentel; et al. [2004] O Comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão n°. 104

Assim, a China moderna vem agindo para reconquistar seu lugar na história, seguindo seu velho ditado: “Se quiser ter prosperidade por um ano, cultive grãos. Por dez, cultive árvores. Mas, para ter sucesso por 100 anos, cultive gente.”.

6. CHINA E A OMC

6.1 A TRAJETÓRIA:

As negociações para que a China se filiasse a OMC começaram em 1986 e se arrastaram por uma eternidade. Muitos fatores contribuíram para essa demora, como a mecânica no processo de negociação, a expansão da filiação, uma agenda cada vez mais ambiciosa do comércio global e as demandas por maior transparência de políticas exigidas nessa negociação.

A entrada na OMC envolve dois conjuntos de negociações que correm em paralelo. No primeiro conjunto temos a análise do que precisa ser feito para que o candidato fique de acordo com as exigências da OMC. No segundo conjunto ocorre uma negociação entre o candidato e os membros da OMC. Os resultados obtidos com essas negociações são aplicados para todos os membros sob o princípio da nação mais favorecida. Além disso, ainda temos os conflitos nas políticas comerciais das grandes potências no comércio. Assim, temos a explicação da demora do ingresso da China.

6.2 O IMPACTO NAS INSTITUIÇÕES ECONÔMICAS:

A admissão da China na OMC em Dezembro de 2001 implicou em 82 compromissos, dos quais vários terão de estar cumpridos em pouquíssimo tempo. Dentro destes há, pelo menos, dois que se destacam pela sua dificuldade. O primeiro é o relativo a falsificação e pirataria, que obriga a respeitar os direitos de propriedade intelectual e o segundo é a abertura da China aos bancos estrangeiros, o que permitirá a possibilidade de dar créditos e aceitar depósitos dos particulares, o que por si só poderia levar ao afundamento financeiro do país dada a dimensão dos créditos de cobrança duvidosa (1/4 dos seus compromissos) que os grandes bancos de Estado detêm.

As condições para que a China faça parte da OMC inclui reduzir as tarifas de importação, permissão para que as empresas estrangeiras vendam diretamente para seu mercado doméstico, abertura da telecomunicação e financiamento de certos setores para uma maior competição estrangeira. A China concordou em abaixar suas tarifas nos produtos agrícolas de 31,5% para 14,5% desde Janeiro de 2004. As tarifas sobre produtos industriais seriam abaixadas de 35% para 17% num período de cinco anos.

Fabricantes estrangeiros incluindo indústrias automobilísticas poderão vender seus produtos diretamente ao mercado interno chinês sem passar pela Organização comercial da China. Investidores estrangeiros poderão possuir até 40% das divisas dos bancos comerciais, e até 48% das empresas de telecomunicação²⁵.

Dentre os principais compromissos assumidos pela China para sua admissão na OMC, que ocorreu em dezembro de 2001, podemos destacar algumas como: o comércio de bens, onde todas as tarifas sobre os bens importados devem ser eliminadas ou reduzidas, a maioria em 2004, as tarifas sobre os bens industriais devem ser reduzidas para uma média de 9%, e as cotas de importação devem ser eliminadas em 2005. As tarifas sobre os bens agrícolas devem ser reduzidas para uma média de 15% em 2005. No seu comércio de serviços, deve o acesso estrangeiro ser assegurado através de transparência e licenças concedidas pelo governo em vários setores, incluindo o setor financeiro e de seguros, telecomunicações e turismo. No setor financeiro, por exemplo, bancos estrangeiros vão poder prestar serviços sem restrições para as empresas chinesas em dezembro de 2003 e para todas as pessoas físicas chinesas a partir de dezembro de 2006. Em relação aos subsídios, deve haver todas as formas de subsídios às exportações, inclusive agrícolas, inconsistentes com as regras da OMC, devem ser eliminadas. Nos investimentos estrangeiros, a aprovação não será mais submetida a exigências de transferência de tecnologia. No campo da propriedade intelectual, deve fortalecer os direitos sobre propriedade intelectual²⁶.

Há boas perspectivas de o crescimento econômico chinês continuar ao ritmo atual, o que, diante o risco de sobre aquecimento da economia chinesa levou o governo chinês a adotar várias medidas draconianas, como as relativas: ao controle do crédito, tendo em especial atenção setores como a siderurgia, o cimento e o imobiliário e o controle de preços, apertado no sentido de conter as pressões da inflação.

O desenvolvimento econômico necessita de confiança, e esta é a base do desenvolvimento durável dos sistemas produtivos. Será que o desenvolvimento da economia privada, com o conjunto de regras de funcionamento a ela intrínsecas, permitirá o desenvolvimento dos direitos dos agentes econômicos, dos consumidores, das empresas e dos trabalhadores?

²⁵ CHOW, Gregory. The impact of joining WTO on China's economic, legal and political institutions.

²⁶ RUMBAUGH, Thomas; BLANCHER, Nicolas. China: International Trade and WTO Accession. FMI, Country Report nº 04/36.

A maior parte da população, especialmente a que está envolvida nos sistemas de produção emergentes, acredita que o relevante é o sucesso econômico, individual ou coletivo, e que este sucesso arrastará a melhoria dos direitos individuais e sociais. Esta confiança contém certas fragilidades: como o de só se olhar para os casos de sucesso, por vezes sem grandes considerações à forma como é obtido, e depois o de esquecer o sistema das empresas do Estado e o conjunto do sistema político, regidos antes de tudo pelas regras do sistema controlado pelo Estado e pelo partido.

O conjunto das reformas estruturais, que estão em curso e terão de ser implementadas, é crucial na ultrapassagem e superação das atuais dificuldades e futuros riscos da economia chinesa, no entanto parece-nos difícil poder afirmar, por enquanto, que a economia de mercado domina e que as regras de funcionamento deste são o padrão de referência.

As conseqüências do acesso da China na OMC em relação aos países em desenvolvimento poderão ser sentidas sob dois aspectos: no mercado de bens e serviços, onde haverá um aumento da competição com a entrada dos exportadores chineses no mercado mundial do mesmo modo como um aumento das oportunidades de exportações para a China. E também no mercado internacional de capitais, pois a competição pelos investimentos diretos estrangeiros se intensificará à medida que o mercado chinês se torna mais aberto para este tipo de investimento. De acordo com a teoria, o impacto do acesso chinês à OMC para seus parceiros comerciais é dúbio, uma vez que irá variar de país para país, dependendo da estrutura comercial de cada país e de sua relação com a China²⁷.

A adesão da China na OMC é um tema muito importante para o desenvolvimento de seu comércio exterior no século XXI, pois muda o panorama da inserção de sua economia no sistema internacional, introduzindo a paridade de tarifas como tema central nesse processo e também a eliminação de outras barreiras alfandegárias. Além de permitir a China, em sua condição de membro da OMC, julgar com as mesmas regras as outras economias e que estas tenham um maior acesso ao mercado chinês com as tarifas mais baixas e podendo assim competir livremente.

A entrada da China na OMC está ocorrendo de maneira lenta e ela enfrentará dificuldades durante o processo de redução tarifária, pois apesar de seu poderio

²⁷ YANG, Yongzheng. China's Intregation into the World Economy: Implications for Developing Countries. FMI, Country Report n° 03/245.

econômico, internamente possui problemas como o desemprego e a desigualdade de investimentos, que podem prejudicar a longo prazo a adoção das medidas da OMC.

O direito geral da OMC tem indicado em suas declarações sobre a aprovação da adesão da China. Suas declarações são otimistas e esperam que sua entrada gere uma maior liberdade e facilidade no comércio mundial, já que a China é um dos pólos de maior fluxo de mercadorias, serviços e investimento direto externo.

A maioria do processo de adesão da China se traduz em negociações bilaterais com os membros da OMC. Como resultado dessas negociações, a China assumiu uma série de compromissos importantes como a abertura e liberalização de seu regime, eliminando aos poucos as barreiras ao comércio e ampliando o acesso ao seu mercado para mercadorias de outros países, com a finalidade de se integrar melhor na economia mundial e aumentar seu comércio externo e os investimentos estrangeiros. Todo esse processo deve estar de acordo com as normas da OMC.

A entrada na OMC trará a China novos desafios também, fará uma pressão sobre as empresas de tecnologia atrasada, de pequena dimensão e de pobre administração. A China está se preparando para enfrentar todos esses desafios, vem com mais de 20 anos de reformas e abertura econômica, acumulando experiência na competição de mercado, para confiar, logo estar em conformidade com a OMC e promover assim sua economia com maior rapidez e da melhor maneira possível.

O caminho para uma democracia é um passo que terá que ser dado pela China, mais cedo ou mais tarde. Não fazer isso pode acabar com todas as perspectivas de líder mundial. Porém, o Partido Comunista Chinês não está disposto a perder tal posição e como diz um ditado chinês: “se você está montado em um tigre, é difícil saltar dele”, e dificilmente a China deixará de continuar montada a correr o risco de acabar na barriga do tigre.

EXHIBIT 3**Protected no more**

	Before entry into WTO	After entry into WTO
Tariffs	200% in 1980s; 80–100% in 1990s	25% by 2006
Import quotas	30,000 vehicles a year allowed from foreign carmakers	Quota increased 20% a year, phased out by 2006
Local content	40% in first year of production, increasing to 60%, 80% in second and third years, respectively	No local-content ratio requirement
Foreign participation in sales, distribution	Limited to wholesaling through joint ventures; prohibited from consolidating sales organizations of imports, joint ventures	Will be allowed to own vehicle wholesale, retail organizations; integrated sales organizations permitted by 2006
Auto financing for Chinese domestic customers	Foreign, nonbank financial institutions prohibited from providing financing	Foreign, nonbank financing permitted in selected cities prior to gradual national rollout

Fonte: *www.Mckinseyquarterly.com*

6.3. CHINA AMIGA OU INIMIGA?

O acesso à OMC leva a China estabelecer um mecanismo confiável de solução de diferenças, que provoquem uma maior igualdade de padrões e transparências no processo político pelo qual as leis são feitas, implementadas e aplicadas. A China é um estado de governo por direito, contrastando com as outras sociedades, assim, seu processo político é expresso por comunidades políticas muito fechadas, que ajudam a fragmentar a economia chinesa, tornando as negociações mais difíceis e complexas. Assim, a política chinesa tradicional gera um governo central ineficaz, com um poder provincial arbitrário e opaco.

A maior parte do sucesso das reformas da OMC depende se a China conseguirá ou não centralizar os novos poderes para contornar a resistência dos interesses locais. Já os problemas na implementação dos compromissos farão com que a China perda credibilidade internacionalmente. E é isso que muitos acham que vá acontecer, por recusas como a retirada de salvaguardas.

O protecionismo da China possivelmente explicará a continuidade do protecionismo entre os países ricos, e assim impulsionará a China a assumir o papel de

advogado dos países em desenvolvimento. Com isso, os crentes na China inimiga crêm que seu voto se juntará aos protecionistas e enfraquecerá a cooperação internacional.

Já os otimistas, acreditam que a China tem tudo a ganhar jogando no lado das grandes potências comerciais, sendo um parceiro construtivo. A China tem como principal objetivo na sua política externa obter o prestígio e reconhecimento do seu peso nos negócios mundiais, de modo que enquanto isso não for alcançado, fará de tudo para reforçar sua credibilidade como parceiro comercial confiável.

7. NEGÓCIOS NA CHINA

Os países em desenvolvimento, formados por mais de 80% da população mundial, possuem vastas extensões territoriais, abundantes recursos naturais, variedades de produtos, grandes potenciais de mercado e diversos meios de desenvolvimento, razão pela qual eles podem beneficiar-se e apoiarem-se, aprender com as experiências alheias e procurar um desenvolvimento comum.

Nos últimos anos, graças ao aumento de poder dos países em desenvolvimento, estão aumentando as oportunidades de cooperação entre eles. Mas, devido as suas diferentes realidades e níveis de desenvolvimento, existem geralmente problemas como a fraca base econômica e a escassez de capital, que dificultam essa cooperação. Assim, estes países em desenvolvimento devem explorar de forma dinâmica e profunda essa cooperação, buscando seus interesses comuns e enfrentar assim os desafios provenientes da globalização econômica.

7.1 A CHINA E A AMÉRICA LATINA

A América Latina deveria aproveitar as oportunidades que a integração da China no cenário mundial pode oferecer. A China deveria ser vista como uma fonte de capital e como uma nova fonte de demanda. Os produtos competitivos da América Latina, como produtos agrícolas, energias e outras mercadorias primárias, se encaixam muito bem com as necessidades da China, que necessita de grande quantidade de matéria-prima, principalmente petróleo. Por sua vez, a América Latina possui abundantes recursos naturais que a China poderia comprar ou então investir neles para assim fazer uma produção conjunta.

Com o aprofundamento da Reforma econômica aumentaram os intercâmbios comerciais e a cooperação bilateral. Os produtos mais beneficiados na América Latina e Caribe pelo crescimento da economia chinesa são: minerais, cobre, alumínio, gás natural e recursos de energia em geral.

Como a China é um país com recursos limitados, ela se tornou um grande importador de mercadorias primárias, oferecendo oportunidades de exportação para a América Latina. Nos dias de hoje, a China é um dos maiores consumidores do mundo de mercadorias primárias, como a soja, e de metais, como o cobre e o alumínio. Ainda que seja um grande produtor de aço, continua sendo um grande importador devido a sua

enorme e crescente demanda nas últimas décadas.²⁸ Na verdade, a demanda de aço na China mais que quadruplicou desde 1980, consumindo mais de 130 milhões de toneladas por ano, ficando acima dos Estados Unidos e se tornando o maior consumidor do mundo de aço. Em relação ao petróleo, o consumo chinês é baixo em relação ao resto do mundo, mas tende a crescer conforme os chineses vão se adaptando ao consumo de bens que necessitam de petróleo, como carros. Nos produtos acabados como celulares, ar condicionado e motocicletas, a China é o primeiro consumidor global.

O desenvolvimento de relações amistosas e cooperativas da China com a América Latina tem sido muito bom. Em 1996, o governo chinês emitiu os cinco princípios do desenvolvimento das relações da China com os países latino americanos: primeiro, o aumento de diálogo, de compreensão e confiança; segundo, o desenvolvimento da cooperação econômica e tecnológica de diversas modalidades e a promoção do desenvolvimento comum; terceiro, o desenvolvimento de intercâmbios populares e aumento da cooperação; quarto, o apoio mútuo em assuntos internacionais, protegendo os interesses dos países em desenvolvimento; quinto, estabelecimento de relações com os países que possuem relações diplomáticas com a China, baseado no respeito mútuo e na soberania e integridade territorial, e os princípios de não agressão, não intervenção nos assuntos internos, na igualdade, no benefício recíproco e na coexistência pacífica.

Essas propostas mostram o interesse da China na América Latina, não só como provedor de matérias-primas, mas também como um bloco com fins comuns que buscam o desenvolvimento de suas economias e o estabelecimento de fortes laços políticos para obter importância no sistema internacional. Assim, as oportunidades e os benefícios que a América Latina obteria em ver a China como a oportunidade que é fica claro. Alguns países estão se aproveitando dessa situação, como a Argentina que é rica em recursos agrícolas como pesca e gado; o Peru que sobressai em minério e na pesca. Assim alguns países da América Latina têm aproveitado esse mercado²⁹.

²⁸ Gutiérrez. Oportunidades e desafios dos vínculos econômicos da China, da América Latina e do Caribe. Financial Times de 29 de Setembro de 2003.

²⁹ Quinlan. A la sombra de China América Latina. Foreign Affairs en español, Vol. 3, Número 3 Julho-Setembro de 2003.

7.2 A CHINA E O BRASIL:

Em março de 2002, o cônsul-geral da China em São Paulo, Shen Qing, lançou um desafio aos brasileiros: elevar o montante bilateral de comércio para um patamar acima de US\$10 bilhões antes do ano 2010. Isso ocorreu no seminário “Brasil-China: uma parceria estratégica”, em 4 de março, na Federação do Comércio de São Paulo. Baseado em dados de 2001, Shen Qing, mostrou que os negócios entre os dois países não passavam de US\$3,7 bilhões, enquanto o volume de comércio exterior da China foi de US\$509,8 bilhões.

É evidente o peso da China no cenário internacional, principalmente com o seu desenvolvimento econômico. Através de sua política externa, Brasil tem buscado se aproximar da China, construindo uma rentável parceria.

O comércio bilateral aumentou sensivelmente após o ingresso da China na OMC, no final de 2001. Em 2000, a participação chinesa no total das vendas brasileiras era de 2,0%, enquanto que o peso dos produtos chineses nas importações brasileiras era de 2,2%.. já em 2003, as importações derivadas da China eram de 4,5% das importações totais brasileiras, e as exportações brasileiras para a China tinham o peso de 6,2% do total das exportações do Brasil, fazendo com que a China, já figure entre os três maiores importadores de produtos brasileiros, atrás dos Estados Unidos e concorrendo com a Argentina o segundo lugar³⁰.

Em 2002, a China ocupava a oitava posição na lista dos principais compradores do Brasil. Hoje, supera parceiros comerciais importantes como Alemanha, México, Japão, e França. Mas, verifica-se pouca diversificação nas exportações para a China, com os dez produtos mais vendidos, somando 75% do total. Uma das principais críticas que se faz ao Brasil é a de que, apesar dos avanços dos últimos anos, ainda falta muito mais de visão e atrevimento aos empresários brasileiros sobre a real extensão e potencialidade do mercado chinês.

A China só importa mais e é respeitada porque é uma potência exportadora, aonde seu montante de negócios chegou a US\$620,8 bilhões em 2002, dos quais US\$325,6 bilhões de vendas ao exterior, além de reservas cambiais no valor de US\$383,9 bilhões.

³⁰ Abreu, Marcelo de Paiva. China's emergence in the global economy and Brazil. Puc-Rio. Texto para discussão n°. 491

Como podemos ver de acordo com a tabela abaixo, o comércio entre Brasil e China tem sido na maioria das vezes favorável para o Brasil, registrando superávits na maior parte dos últimos 20 anos. E mesmo com um déficit, em 2000, este não alcançou US\$ 200 milhões³¹.

Tabela 7.2.1 Peso do comércio Brasil-China

Ano	Brasil		China	
	Peso das exportações p/ China	Peso das importações da China	Peso das exportações p/ Brasil	Peso das importações do Brasil
2000	1,97%	2,19%	0,49%	0,48%
2001	3,27%	2,39%	0,50%	0,78%
2002	4,18%	3,29%	0,48%	0,85%
2003	6,20%	4,45%	0,49%	1,10%
2004	5,60%	5,90%	0,63%	0,97%
2005	5,78%	7,30%	0,70%	1,04%

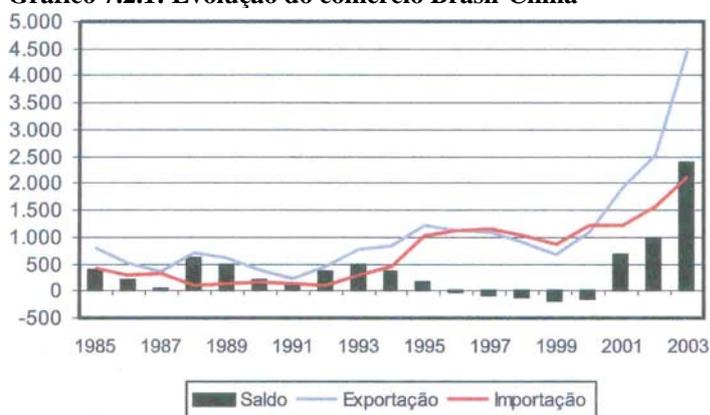
Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e China's Economic Conditions: CRS Issue Brief for Congress.

Tabela 7.2.2 Expansão do comércio Brasil-China

Ano	Total exportado (em US\$)	Variação percentual a.a.	Total importado (em US\$)	Variação percentual a.a.
2000	1.085.223.878	-	1.222.294.377	-
2001	1.902.093.617	75,27%	1.328.094.257	8,66%
2002	2.520.457.098	32,51%	1.554.012.240	17,01%
2003	4.532.559.799	79,83%	2.147.634.974	38,20%
2004	5.439.956.312	20,02%	3.710.476.817	72,77%
2005	6.833.668.267	25,62%	5.353.261.623	44,27%

Fonte: Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Gráfico 7.2.1: Evolução do comércio Brasil-China



Fonte: O perfil do comércio Brasil-China. RBCE N° 79

³¹ Ribeiro, Fernando; Pourchet, Henry. O perfil do comercio Brasil-China. Revista Brasileira de Comércio Exterior, n°.79.

Na Revista Brasileira de Comércio Exterior, foi publicado um estudo onde podemos constatar que o comércio entre Brasil e China está em expansão. E de acordo com as tabelas e gráfico acima, as exportações brasileiras destinadas a China cresceram mais de 25% em 2005 e as importações brasileiras vindas da China aumentaram 44%. Esse comércio entre os dois países deu um grande salto a partir de 1999, quando ocorreu uma notável transformação no fluxo das exportações e importações. Entre 1999 e 2003, o total das vendas para a China cresceu 525%, enquanto o crescimento total das exportações brasileiras foi de 52%. Nesse mesmo período as importações chinesas foram de 125%, enquanto as exportações mundiais foram de 34%.

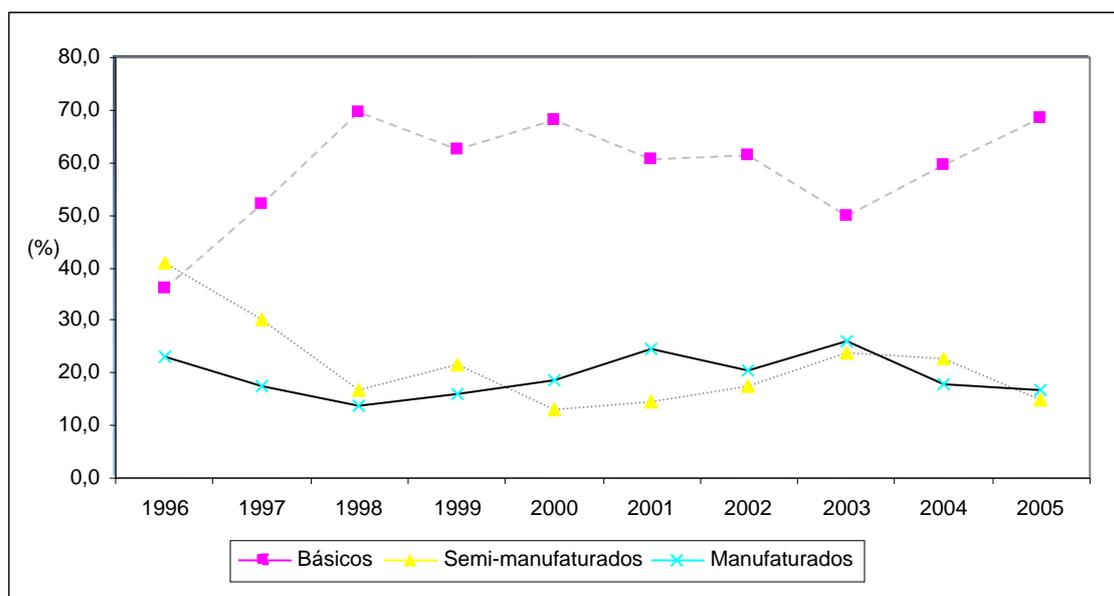
Nesse estudo, também podemos constatar que não foi a demanda o único responsável por esse desempenho das exportações brasileiras. Outros motivos citados são: de 1999 à 2003 as exportações brasileiras para a China aumentaram em 570%, uma taxa 4,6 vezes maior do que a referente às importações totais da China. Ao mesmo tempo, o ganho de market-share do Brasil na pauta de importações da China seria um movimento natural, passando de 0,4% em 1999 para 1,27% em 2003. Esse valor já foi de quase 2,2% em 1985, quando o mercado chinês era mais restrito; no mesmo período, a “evolução dos preços de exportação do Brasil foi mais favorável às vendas para a China do que às exportações totais. O índice de preço das exportações para a China acumulou ganho de 7,2% entre 1999 e 2003, enquanto o índice relativo ao total registrou, no mesmo período, queda de 0,5%” e finalmente; “(...) a composição de nossas exportações em termos de produtos, avaliando-se a hipótese das importações chinesas tem crescido mais rápido justamente nos produtos que o Brasil exporta. A partir deste ponto, os ganhos de market-share do Brasil só podem ser explicados por efetivos ganhos de competitividade da produção brasileira”. Em relação ao crescimento das importações brasileiras vindas da China, este faz parte da diversificação de origens das compras brasileiras. Enquanto os mercados tradicionais como os EUA, União Européia e o Mercosul perderam participação na pauta de importação brasileira, os mercados não tradicionais têm registrado aumentos de participação.

7.2.1 AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS:

As exportações brasileiras destinadas à China possuem certa relação, abaixo estão citadas algumas delas:

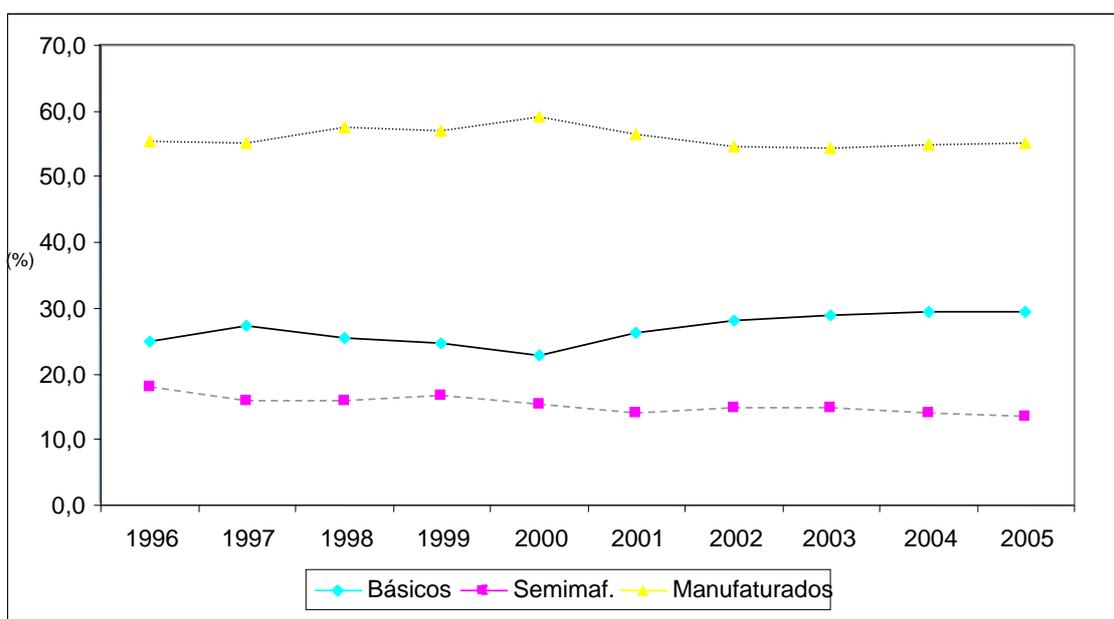
◆ Forte presença de mercadorias de baixo conteúdo tecnológico.: em 2005, os produtos básicos foram responsáveis por pouco mais de 68% das vendas brasileiras para a China, participação duas vezes maior que as vendas totais do país. Já os produtos semi-manufaturados, foi de 17,7%, na pauta das exportações do Brasil para China. O oposto se verificou com os produtos manufaturados, onde o total das exportações mundiais foi de 56,4% contra 19,4% do comércio para a China. O estudo de Ribeiro e Pouchet, destaca que apesar da alta centralização das exportações brasileiras de produtos básicos para a China, o Brasil tem conquistado e mantido uma participação elevada dos manufaturados com o mundo, de acordo com os gráficos abaixo. As exportações brasileiras para outros países são constituídas por produtos manufaturados, especialmente em intensivos de escala. Desde 2003, os produtos básicos nas importações chinesas têm aumentado, devido à enorme demanda por produtos primários e agrícolas pelo contínuo crescimento do mercado consumidor chinês. Assim, os produtos industrializados manufaturados e semi-manufaturados vêm perdendo espaço no total das importações chinesas do Brasil, atingindo um patamar muito baixo, de 16,67% em 2005, oposto a 2003, onde o auge foi de 26% das vendas brasileiras. Lembrando, porém, que embora a participação dos produtos básicos nas exportações brasileiras para a China tenha aumentado, o crescimento das importações chinesas do mundo desse tipo de produtos continua abaixo das suas importações de manufaturas. Assim sendo, é necessário que ocorra uma diversificação nas exportações brasileiras para a China, se o Brasil não estiver disposto a perder market share com a China no futuro, uma vez que se continuar se especializando exatamente nos produtos em que a demanda chinesa é pequena, indiscutivelmente isso ocorrerá.

Gráfico 7.2.1.1 Exportações do Brasil para a China de 1996 a 2005



Fonte: Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior/ SECEX.

Gráfico 7. 2.1.2 Exportações do Brasil para a Mundo de 1996 a 2005



Fonte: Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior/ SECEX.

Tabela 7.2.1.1 Peso de cada tipo de produtos exportados para China e para o Mundo

	2000		2001		2002		2003		2004		2005	
	China	Mnrb										
Básicos	68,2%	22,8%	60,7%	26,4%	61,5%	28,1%	50,0%	29,0%	59,4%	29,6%	68,4%	29,3%
Seminufacturads	13,0%	15,4%	14,9%	14,2%	27,9%	14,9%	24,1%	15,0%	22,9%	13,9%	14,9%	13,5%
Manufaturads	18,8%	59,0%	24,4%	56,3%	20,6%	54,7%	25,9%	54,3%	17,7%	54,9%	16,7%	55,1%

Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

- ◆ Elevado grau de concentração, por setores produtivos e por produtos:
Nos últimos anos, os segmentos de maior expressão nas exportações brasileiras, foram os de agropecuária e extração mineral que, juntos, formam quase 51% das exportações, em 2005. Os produtos mais expressivos desse comércio foram a soja e o minério de ferro, que ilustraram quase 90% do comércio de cada setor. As exportações para a China foram de mais de 25% das exportações brasileiras de soja, e 26,11% das de minério de ferro em 2005.
- ◆ Forte estabilidade da composição das exportações: entre as exportações do Brasil, cinco setores sempre estiveram presentes, que são: agropecuária, extrativa mineral, siderurgia, óleos vegetais, celulose, papel e gráfica, sua quantidade nas exportações nunca foi menor do que 60% do valor exportado para a China. Nesses setores as vendas brasileiras concentraram-se em um ou dois produtos, a maioria *commodities* de baixo valor agregado tais como: minério de ferro, soja em grãos, óleo de soja, semi-manufaturados de ferro e aço, laminados planos, celulose etc³².

7.2.2 AS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS:

Portanto, as importações brasileiras vindas da China também possuem certa relação, e abaixo ela também será citada:

- ◆ Aumento do grau de penetração das exportações chinesas no total das importações nacionais: os maiores ganhos ocorreram na siderurgia, seguido por têxteis, calçados, couros e peles, equipamentos eletrônicos e elementos químicos.

³² Pereira, Lia Valls; Ferraz Filho, Galeno Tinoco. O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros. Funcex, Texto para discussão N° 163.

◆ Importante grau de concentração em poucos setores produtivos, mesmo que pouco menor do que o examinado para as exportações: nos produtos que nos últimos anos apresentam maior crescimento podemos citar as telas de cristal líquido, aumentando 186% em 2005, aparelhos elétricos aumentando 260% e tecidos de poliéster chineses, que aumentaram 435%³³. Os segmentos de equipamentos eletrônicos e siderurgia, unidos somam cerca de 40% das importações brasileiras e, se considerarmos os cinco principais setores, que também incluem elementos químicos, indústrias diversas e material elétrico, a participação aumenta para mais de 60% em 2005. Desde 1996, o setor de equipamentos eletrônicos é o de maior peso nas importações brasileiras, essa grande representação não é nenhuma surpresa, pois estamos lidando com um segmento onde os chineses são muito competitivos. O potente peso desses segmentos pode ser explicado também, pela estratégia global de especialização vertical da produção por parte das multinacionais do setor, que vem optando por desenvolver peças de alguns produtos em filiais encontradas em países onde o custo de produção é menor. Certas empresas vêm optando por produzir certas fases na China, em função das vantagens oferecidas pelo país em termos de custo de mão-de-obra e também pelo know-how dos profissionais. E assim, depois, os produtos são levados para as filiais brasileiras, onde é feita a montagem do produto para a venda no mercado doméstico ou para exportação³⁴.

Tabela 7.2.2.1 Principais produtos importados pelo Brasil da China em 2005

Produtos	US\$ F.O.B.	Participação (%)
Outras partes p/aparelhos transmissores/receptores	396.487.975	7,41
Dispositivos de cristais líquidos (lcd)	255.936.201	4,78
Coques de hulha, de linhita ou de turfa	163.572.577	3,06
Outros aparelhos videofônicos de gravação/reprodução	121.186.164	2,26
Terminais portáteis de telefonia celular	101.972.689	1,9
Outs. partes p/aparelhos recept. radiodif. televisão, etc.	90.829.821	1,7
Tecido de filam. poliéster textur >=85%, tintos, s/borracha	74.345.394	1,39
Circuito impresso	69.576.855	1,3
Outros acumuladores elétricos	58.877.925	1,1
Mecanismos toca-discos, mesmo c/cambiador, p/apars. reprod	58.595.829	1,09
Outs. circuitos integrados monolit. montados	47.838.784	0,89
Placas-mãe montad. p/maqs. proc. dados (circuito impresso)	44.980.088	0,84
Outras câmeras de vídeo	43.712.424	0,82

³³ Site do Ministério das Relações Exteriores da China <www.mfa.gov.cn>

³⁴ Puga, Fernando Pimentel; et al. [2004] O Comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão n°. 104

Outs.apars.recept.radiodif.comb.apars.som,pilha/eletr.	37.868.305	0,71
Outs.memórias montadas p/montag.superf.	36.529.755	0,68
Tecido de filam.de poliéster não texturizado >=85%	35.812.339	0,67
Circuito impresso montado p/telefonía,etc.	35.299.308	0,66
Lampadas/tubos descarga,fluorescente,de catodo quente	34.300.490	0,64
Outs.partes e acess.p/aparelhos de gravação/reprodução	34.020.123	0,64
Gabinete c/fonte de aliment.p/maqs.automat.proc.dados	32.986.416	0,62

Fonte: Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior/ SECEX.

A China, nos últimos anos, é o contribuidor central para crescimento mundial. Sua demanda é atualmente fundamental para certas commodities agrícolas, petróleo, eletricidade, cimento, ferro, metais não-ferrosos, aço, máquinas-ferramenta e outros bens de alto valor agregado. Apesar de ter a liderança da produção mundial de manufaturas de baixo valor agregado, a China começa a possuir o comando em certos setores de ponta. Seu crescimento deve ser atribuído, em sua maioria aos grandes investimentos, como gastos do governo local, liquidez excessiva e farto investimento estrangeiro direto.

Nos últimos anos, no entanto, o desempenho econômico da China vem sendo muito bom para o Brasil. E também, são insuficientes as evidências de deslocamento da participação brasileira em terceiros mercados por conta da concorrência com a China³⁵.

O melhoramento da economia brasileira proporcionado pelo crescimento chinês é claramente visto quando analisamos o comércio entre os dois países recentemente. O comércio brasileiro com a China é visualizado nas taxas de crescimento médio anual de 61% nas exportações brasileiras nos quatro últimos anos.

A análise da dimensão e da atuação da China e a disposição de exportação do Brasil indica significativas potencialidades de ampliação e diversificação das vendas brasileiras para a China. Um levantamento do BNDES e do Ministério do Desenvolvimento buscou relacionar os produtos com maior potencial de crescimento nas exportações para a China e concluíram que o Brasil tem capacidade de duplicar o número de itens incluídos na exportação para a China, passando de 777 produtos para cerca de 1.600. No mercado de frango, o consumo anual do produto por pessoa residente nas cidades chinesas foi de 3,4 kg para 9,2 kg, entre 1990 e 2002. Ao se comparar com o consumo *per capita* do Brasil, que é de 32,2 kg, com o de Hong Kong,

³⁵ Puga, Fernando Pimentel; et al. [2004] O Comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão nº. 104

que é de 40,7 kg e o dos Estados Unidos, que é de 42,6 kg, podemos ver esse possível crescimento. Nos pedaços de frango congelados, o Brasil foi o responsável por 22,4% das importações mundiais, mas por apenas 1,3% das compras da China. Outro segmento a ser mais bem explorado no comércio Brasil-China é o de celulose. As exportações brasileiras para a China foram de apenas US\$ 114 milhões, perante um valor total de importações chinesas de US\$ 2 bilhões em 2002. Em relação aos refrigeradores, o consumo desse produto para cada 100 residências urbanas na China passou de 42,3 aparelhos em 1990 para 87,4 em 2002. O Brasil, no entanto, foi o responsável por menos de 1% dos US\$ 662 milhões de importações chinesas do produto em 2002. Há também possibilidades de aumentar as exportações brasileiras de autopeças e automóveis para a China, apesar desse aumento depender de decisões de estratégia global das firmas-líderes. No segmento de aviação, os intensos investimentos na construção de aeroportos em cidades médias sugerem grande potencial de crescimento das exportações no segmento da aviação regional. Na área de software, a perspectiva está atrelada a automação bancária. Com vimos, devido a entrada da China na OMC , em 2001, o país terá seu sistema bancário aberto à concorrência até 2007, ou seja, os bancos estrangeiros oferecerão cartões de crédito e home banking a uma classe média em expansão. Devido a isso os quatro grandes bancos chineses, todos estatais, precisam buscar automação bancária, know-how que o Brasil domina. Sendo esta mais uma ligação que pode diminuir essa distância continental.

Embora o desempenho brasileiro nas relações comerciais com a China, tenha sido muito grande, precisaremos nos preocupar com a manutenção desse resultado no longo prazo. Em reportagem do jornal “ O Estado de S.Paulo ” ,de 22 de maio de 2004, o presidente da FIESP, Horácio Lafer Piva, adverte: “... O desempenho atual brasileiro, com um superávit comercial bilateral obtido pelo Brasil de US\$ 2,4 bilhões em 2003, não reflete, contudo, um trabalho anterior de identificação de novos segmentos potenciais ou implantação estratégica. O mérito brasileiro foi estar preparado para vender mais o que já vendia para a China antes desse “boom” da economia chinesa.” Além disso, existe uma acentuada divergência entre as pautas de exportação dos dois países. O Brasil exporta praticamente produtos básicos, como a soja e o minério de ferro, e importa produtos eletrônicos, produtos mais elaborados de siderurgia e elementos químicos. Por um lado, é um benefício, pois as duas pautas são complementares, o que afasta possíveis conflitos comerciais, e por outro lado, é uma desvantagem, já que a pauta brasileira tem menor grau de elaboração e valor agregado.

Na mesma reportagem citada acima, Horácio Lafer Piva atesta: “... Pode não ser tão fácil concorrer com a indústria chinesa em bens de maior valor agregado. O Brasil precisa fazer um esforço grande em relação à competitividade para exportar mais manufaturados para a China. Precisamos resolver gargalos importantes, como o da logística, e incentivar mecanismos de financiamento, para reduzir custos.”.

De acordo com o professor de economia asiática da USP, Eduardo Tonooka, em artigo escrito para o jornal “O Estado de S.Paulo” de 23 de maio de 2004 e reproduzido nos parágrafos seguintes, é preocupante a formação dessa relação de pautas complementares a longo prazo, pois isso resultará em maiores benefícios para a China do que para o Brasil, nas suas relações comerciais.

“....O Brasil tem aproveitado o momento circunstancialmente favorável para ampliar as exportações e o saldo comercial com a China. Contudo, dadas as tendências do comércio bilateral, pode-se levantar duas questões: a primeira, até quando o Brasil poderá sustentar uma posição superavitária no comércio bilateral e, a segunda, quais serão as conseqüências da consolidação dos investimentos industriais da China sobre as exportações do Brasil no futuro?

A demanda da China por commodities está condicionada ao ritmo de crescimento de sua economia, que, apesar de se manter em um ritmo bom, tende a diminuir, com o provável aumento dos juros básicos, do aumento do compulsório, entre outras medidas restritivas. É verdade que ainda há bastante espaço para a expansão das exportações deste tipo de produto para a China, porém os preços tenderão a se tornar menos favoráveis que os atuais. A elevação dos juros norte americanos e o arrefecimento do crescimento mundial sinalizam uma tendência de queda dos preços das commodities.

Já as exportações brasileiras de produtos manufaturados para a China, que hoje já são pequenas, tenderão a sofrer redução conforme a China consolide seu parque industrial e institua políticas de favorecimento à produção local. Por exemplo, o recente “boom” de exportações de veículos, partes e componentes é resultado imediato da redução de tarifas de importação, da existência de uma forte demanda reprimida por automóveis e da não consolidação de uma indústria de autopeças na China. Mas, à medida que a indústria chinesa reforçar a sua capacidade de produzir tais bens, as oportunidades de exportação deverão se reduzir.

A evolução da economia chinesa tem seguido uma trajetória já conhecida e observada ao longo do processo de desenvolvimento das economias asiáticas mais avançadas, notadamente a do Japão e da Coreia do Sul. Por isso, é de se esperar que a China deixe de destacar-se especialmente como grande exportadora de produtos com pouco conteúdo tecnológico e baratos devido ao baixo custo da mão-de-obra e passe a ser reconhecida como gigante exportador por contar com uma base industrial e tecnológica moderna e competitiva, resultante dos pesados investimentos que hoje estão sendo realizados no país.

Quando este momento chegar, iremos nos deparar com um grande concorrente nos mercados de produtos manufaturados nos quais temos interesse em consolidar nossa posição internacional, incluindo papel, produtos siderúrgicos, material elétrico, veículos, suas partes e componentes, dentre outros.

Dessa forma, podemos vislumbrar duas tendências negativas para o Brasil a longo prazo e que devem ser previamente encaradas para que seus efeitos sejam reduzidos : uma perda de dinamismo das vendas para a China de produtos básicos e de produtos que atualmente atendem a uma demanda reprimida que a indústria chinesa está em vias de habilitar-se a suprir ; e um aumento nas importações brasileiras de produtos chineses dos setores mais dinâmicos e um acirramento da concorrência entre os manufaturados brasileiros e chineses no mercado internacional, à medida que a base industrial da China se consolida e seja capaz de atender não apenas ao mercado doméstico, mas também aos mercados internacionais.”

8. CONCLUSÃO:

Esse trabalho teve como objetivo trazer um maior esclarecimento sobre a China, um país cujas peculiaridades herdadas da época de regime comunista ainda tornam difícil o entendimento de sua economia. A China tem uma grande oportunidade de se tornar facilmente uma grande potência, não pela guerra, mas por meio do desenvolvimento interno pacífico e da busca de uma política externa inspirada pela ambição de exercer uma influência moderadora nos assuntos mundiais. À medida que a China for percebendo seu potencial, a estrutura da política mundial terá que ser transformada. O que ocorrerá ao longo dessa evolução é contado de forma diferente caso se acredite na história realista sobre como o mundo funciona ou caso se seja mais otimista e se acredite nos mecanismos benéficos do comércio e intercâmbios internacionais. A história realista sugere que os EUA evitarão a emergência da China no futuro, vendo-a como um país a desafiar sua posição de líder mundial. Já a história mais otimista sobre como o mundo funciona sugere que a China será abraçada pela OMC, recebendo ajuda para sua democratização. A alegação é a de que democracias prósperas não entram em guerra entre si.

O que acontecerá no futuro depende muito das escolhas que a liderança chinesa fizer entre as várias receitas alternativas para sua política. Essas escolhas se tornam ainda mais difíceis num país do tamanho, idade e complexidade da China. O único guia que temos para identificar quais receitas provavelmente serão adotadas no futuro é desenvolver uma compreensão daquelas que têm sido adotadas nas últimas décadas, entender o porquê de sua seleção, saber quais as alternativas descartadas e como as políticas evoluíram.

Os chineses já possuem três credenciais de superpotência: integram o Conselho de Segurança da ONU, ao lado dos EUA, Rússia, França e Inglaterra, entraram para o exclusivo clube das nações com projetos espaciais e possuem armas nucleares. Mas a história recente, nunca um país mudou tanto em tão pouco tempo. Mas a trajetória rumo à modernidade é marcada por riscos, contradições crescentes e tensões entre os beneficiados e os excluídos da Nova China. Tradições milenares sobrevivem em um país cada vez mais cosmopolita, enquanto outras se dissolvem na violência da transformação. A rapidez da mudança cria um cenário onde diferentes tempos históricos disputam um lugar ao sol no presente. O mesmo país que envia astronautas ao espaço usa arado manual no campo; lidera o ranking de crescimento global, mas ainda tem a

maior parte de sua população na zona rural; possui o segundo maior número de internautas do mundo e pratica a censura abertamente.

O fascínio com a revolução econômica é ofuscado pela resistência do governo em implementar reformas políticas. A China do liberalismo econômico é comandada por um Estado que persegue dissidentes, censura a imprensa, controla manifestações religiosas e é subordinado a um partido único. Depois de um século no qual a China foi invadida por potências estrangeiras, viveu em 1911 uma revolução que pôs fim em 2 mil anos de império, enfrentou guerras civis e uma nova revolução em 1949, a estabilidade é buscada a qualquer preço. O Partido Comunista persegue com obsessão o ideal da volta ao esplendor dos tempos do império, quando o país era uma das principais economias do mundo e cultivava uma civilização milenar, que começou a ser construída há quase 5 mil anos. Crescimento vigoroso, estabilidade e unidade nacional são o trinômio que orienta as decisões dos dirigentes do país, que continuam a usar com rigor o planejamento estatal, apesar da abertura econômica.

Depois de 27 anos de crescimento ininterrupto, o milagre chinês parece predestinado a sobreviver por um bom tempo, mas não são poucos os riscos de natureza econômica e política em seu caminho. Entre as inúmeras armadilhas, a fragilidade do sistema financeiro é uma das que têm maior potencial desestabilizador da economia. Os bancos estatais que dominam o setor emprestaram nas últimas décadas um volume enorme de dinheiro sem se preocupar com a capacidade dos devedores de pagarem os créditos. A maior parte dos financiamentos foi para outras empresas estatais, beneficiadas mais por créditos políticos do que técnicos, muitas das quais não vão conseguir quitar suas dívidas, gerando um enorme inadimplemento. O governo sabe o risco que corre e coloca o saneamento do sistema financeiro como uma das prioridades da área econômica. Manter altos índices de crescimento e, ao mesmo tempo, evitar seu superaquecimento é um desafio vital para o Partido Comunista, que tem na melhoria da qualidade de vida dos chineses sua principal fonte de legitimidade. Uma crise econômica fatalmente levaria ao aumento da insatisfação popular, que já se vê nas regiões excluídas do milagre econômico que beneficia os moradores dos grandes centros urbanos.

Revoltas nas longínquas áreas rurais estiveram na origem da derrocada de várias dinastias do Império Chinês, e a sua insatisfação dessas populações continua a ser uma das principais ameaças ao governo central. Ainda que discretamente, vem se registrando um número crescente de protestos de camponeses contra a ocupação irregular de suas

terras por fábricas ou empreendimentos imobiliários, caso de abuso de poder e a ação de líderes regionais do Partido Comunistas corruptos. É importante ressaltar que esses protestos não costumam questionar o regime e a manutenção do poder nas mãos do Partido Comunista, mas sim decisões administrativas, favorecimentos a grupos econômicos, usurpação de suas terras, abuso de poder, demissões de empresas estatais, atrasos nos pagamentos de salários e corrupção dos dirigentes locais.

Saber o que vai acontecer na China nos próximos anos é algo que interessa a todo o mundo. Interessa obviamente aos próprios chineses, que poderão ter pela frente um período de estabilidade econômica e política ou a volta das turbulências. O caminho não é isento de riscos e os dirigentes do Partido Comunista sabem bem disso. Esse é, aliás, o ponto que os otimistas em relação à China destacam com frequência.

A rota para o período de 2006 a 2010 está traçada no 11º Plano Quinquenal, aprovado pelo Partido Comunista em 2005. O que foi proposto ataca grande parte dos problemas estruturais da sociedade chinesa: propõem-se a reduzir a desigualdade de renda entre o campo e a cidade e entre os ricos e pobres, estabelecendo um modelo de desenvolvimento sustentável. Na economia, o objetivo é aumentar o peso do consumo interno no motor que move o crescimento, elevar a eficiência na utilização de energia e reduzir a utilização predatória de recursos naturais. Do que foi divulgado é possível perceber que o Partido Comunista está disposto a sacrificar alguns décimos nos índices de crescimento econômico em benefício de uma melhor divisão de seus frutos e um menor impacto sobre o meio ambiente.

A falta de liberdade e o forte espírito de hierarquia e obediência que dominam a China ajudam na incógnita no caminho do país. Muitos se perguntam se será possível o surgimento de uma sociedade na qual a iniciativa individual apareça. Esta resposta é ansiosamente aguardada pelas 5,2 bilhões de pessoas que vivem fora da China.

9. BIBLIOGRAFIA:

- China Daily. <www.chinadaily.com.cn>
- Revista Veja. Editora Abril, edição 1968, 9 ago. 2006.
- Casotti, B. P. Desvendando a inflação chinesa: três questões chave sobre a dinâmica de preços na China. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.
- Chung, T. Negócios com a China. Editora Novo século.
- China online <chinaonline.com.br>
- Blanchard, O. Macroeconomia (Editora Campus, tradução da 2ª edição Americana)
- Krugman, P. Crises Monetárias. Makron Books
- Zemin, J. Reforma e Construção da China. Editora Record
- Story, J. China - A corrida para o mercado. Editora Futura
- Trevisan, C. O Renascimento do Império- China. Editora Planeta
- Abreu, M.O. [2005] “China’s Emergence in the Global Economy and Brazil”. Texto para discussão nº 491, Departamento de Economia, PUC-Rio
- Hu, Zulu; Khan, Mohsin S. Why is China Growing so fast? IMF, Economic Issues 8. Abril 1997.
- Puga, Fernando Pimentel; et al. [2004] O Comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão nº. 104.
- Site do consulado da China <http://www.consulado-china-rj.org.br>
- Pereira, Lia Valls; Ferraz Filho, Galeno Tinoco. O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros. Funcex, Texto para discussão N°163.
- Cerra, Valerie; Dayal-Gulati, Anuradha. China's Trade Flows-Changing Price Sensitivies and the Reform Process. IMF, Working Paper N°99/1.
- Chow, Gregory. [2003] The impact of joining WTO on China’s economic, legal and polical institutions.
- Rumbaugh, Thomas; Blancher, Nicolas. China: International Trade and WTO Accession. FMI, Country Report nº 04/36.
- Pereira, Lia Valls; Ferraz Filho, Galeno Tinoco. O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros. Funcex, Texto para discussão N°163.

- Ribeiro, Fernando; Pourchet, Henry. O perfil do comercio Brasil-China. Revista Brasileira de Comércio Exterior, nº.79.
- Chow, Gregory; Shen, Yan. [2005] Demand for Education in China
- Chow, Gregory. [2006] Rural Poverty in China: Problem and Policy